

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA
CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

SOARES, Gláucio Ary Dillon. Gláucio Soares III (depoimento, 2008 / 2009). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (2h 25min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPQ). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Gláucio Soares III
(depoimento, 2008 / 2009)**

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): Arbel Griner; Helena Maria Bousquet Bomeny; Karina Kuschnir;

Levantamento de dados: Celso Castro;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Celso Castro;

Técnico de gravação: Fernando de Mello Cardenas; Ítalo Rocha Viana; Marco Dreer Buarque; Roberto Jorge Carneiro de Souza Leão;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 09/07/2008 a 16/09/2009

Duração: 2h 25min

Arquivo digital - áudio: 1; Arquivo digital - vídeo: 1; MiniDV: 3;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Cientistas sociais de países de Língua Portuguesa: histórias de vida”, com financiamento do Programa de Cooperação em matéria de Ciências Sociais para os países da comunidade de Língua Portuguesa (Programa Ciências Sociais CPLP) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O projeto teve vigência de dois anos (2008/2009). Para ter acesso à transcrição e ao vídeo da entrevista [clique aqui](#).

Temas: Assuntos familiares; Ciências Sociais; Correio da Manhã; Darcy Ribeiro; Direito; Estados Unidos da América; Fernando Bastos Ávila; Formação acadêmica; Formação escolar; Fundação Getulio Vargas; Instituto Brasileiro de Ciências Sociais; Intercâmbio cultural; Pontifícia Universidade Católica; Universidade de Chicago ;

Sumário

1ª Entrevista: 09.07.2008 Origens familiares; as trajetórias paterna e materna; a viagem à Marajó, cidade materna; memórias da infância; o subúrbio carioca; os primeiros anos de estudos; a escola primária Rodrigues Alves; o Colégio Zaccarias; o Colégio Andrews; as diferenças sociais entre os amigos; a adolescência; as aspirações para o futuro; a escolha pelas Ciências Sociais; a Faculdade de Direito Cândido Mendes; o aprendizado da língua russa; as primeiras aulas de Sociologia na PUC-RJ com o Padre Fernando Bastos de Ávila, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC), e a influência na escolha de sua carreira; a criação da revista Síntese Econômica Política e Social; a bolsa de estudos da Fullbright (Comissão para Intercâmbio educacional entre os Estados Unidos e o Brasil); a ida para os Estados Unidos e o mestrado em Direito na Universidade de Tulane, sob orientação de Mitchel Franklin ; o choque cultural em Nova Orleans; a ida para o instituto de pesquisa National Opinion Research Center (NORC) na Universidade de Chicago; o trabalho como bartender, no clube dos professores da Universidade; a passagem por Cuba; a volta ao Brasil; a entrada na Fundação Getúlio Vargas; a primeira pesquisa no jornal O Correio da Manhã; a ida para Brasília; a bolsa no Instituto Brasileiro de Ciências Sociais; experiências profissionais nos anos de 1960; a primeira experiência no Instituto Brasileiro de Ciências Sociais; o contato com Darcy Ribeiro; a relação com Joseph Carl; a ida ao México; o doutorado na Washington University, em Saint Louis; o interesse pela América Latina;; o exame de qualificação; trabalho de campo no México; o término do doutorado na Universidade de Berkeley, na Califórnia; as aulas e a escrita da tese; a recusa do convite para lecionar em Harvard; o convite de Peter Heinz, diretor da Flasco Chile, para trabalhar neste país; breve reflexão sobre sua trajetória.

2ª Entrevista: 16.09.2009 O cientista social na atualidade; avaliação das ciências sociais do Brasil no contexto mundial; os descaminhos da Sociologia e da Ciência Política do Brasil; a não-valorização de teóricos brasileiros; o eurocentrismo das Ciências Sociais no país; a falta de contato com as ciências sociais desenvolvidas nos outros países de língua portuguesa; a influência dos teóricos europeus; referenciais bibliográficos; objetos de pesquisa; estudos sobre a violência política; estudo sobre homicídios; Ciências Sociais, uma disciplina; idealização de um curso de ciências sociais mais completo; a influência do sociólogo

Seymour Martin Lipset em sua carreira; objetivos profissionais; o problema do suicídio no Brasil.

1ª entrevista: 09/07/2008

H.B. – Gláucio, é um prazer enorme estar aqui. Acho que você sabe disso, mas eu quero deixar registrado. E é um prazer porque você é o nosso primeiro entrevistado nesse projeto novo de trajetória de cientistas sociais de países de língua portuguesa. Então, ao final da entrevista, a gente espera ouvir de você uma opinião a respeito disso também. Nós preparamos um roteiro, que é um roteiro razoavelmente convencional, para ter esse trajeto seu de vida percorrido, então eu queria que você falasse um pouco da sua família, de infância, e aí entramos na sua formação e seguimos.

G.S. – Família. Meu pai. Nasceu no interior do estado do Rio, num lugar chamado Paciência, cresceu em Macaé, e veio cedo para o Rio de Janeiro, onde ele estudou alguma coisa de contabilidade; e depois, começou a trabalhar no então chamado Lloyd Brasileiro e ficou lá até se aposentar. Depois de se aposentar, ele trabalhou grátis, e antes também, no Fluminense, aqui em frente, e por um tempo pequeno, organizando o Prontocor da Tijuca. Minha mãe, nascida em Belém do Pará, foi professora; fez a Escola Normal, viveu durante um ano na ilha de Marajó, depois veio para o Rio, onde ela fez a Escola Normal. Falava muito a respeito de sair pelos fundos da casa com os irmãos e ir nadar no rio Amazonas, sair na rua e provocar os... não são, exatamente, bois, porque eles são de origem... acho que são de origem indiana. E depois de muito tempo, os irmãos dela foram morrendo, e ela ficou sozinha. Então ela não tinha com quem falar.

H.B. – Muitos irmãos?

G.S. – Eram, se não me engano, quatro homens e duas mulheres. Não tinha com quem falar a respeito de passado. O que me provocou uma viagem. Eu fui ao Pará para ver o passado de minha mãe e poder fazer o presente com ela. Então, fui até a ilha de Marajó. E consegui descobrir, localizar a casa em que ela morava, que agora está invadida. E descobri porque ela tinha me dado algumas diretrizes, como a de estar numa pracinha em frente à escola e, da casa dela, à esquerda, era a prisão. Ainda estão lá. Claro que tirei muitas fotos. E depois, em Belém, tentei localizar onde, na avenida Quintino Bocaiúva, ela morava. Ela disse: “Ah, é uma casa de sobrado assim, assado”. Eu fui lá. Ainda há muitas casas de sobrado assim, assado, então achei que não haveria como tirar uma foto e reavivar essa memória dela. Ela disse: “O que eu me lembro demais é que bem em frente de casa, na rua, tinha um valão e que, quando chovia, o valão enchia de água de chuva, nós ficávamos pulando lá dentro, e mamãe ficava muito zangada.”. Então eu tinha que buscar uma casa de sobrado e um provável inexistente valão, porque isso, fazia oitenta anos, e claro, agora, estava a rua

asfaltada. Não era. E qual não é minha surpresa quando eu encontro o valão. Então o valão passou por todas as administrações municipais, de 1910 até 1999 ou 2000, sem ser tocado. Quer dizer, põe asfalto em cima, o valão fica lá. Então, o valão foi o ponto de referência. Tirei as fotos e... Interessante isso. Depois que eu entreguei essas fotos, ela como que ficou satisfeita e não sentiu mais necessidade de falar a respeito do passado. Ela tinha aquela satisfação, creio eu, quero eu, de que alguém mais compartia o seu passado.

H.B. – E fazia ele ficar vivo.

G.S. – Fazia ele ficar vivo, terminava a solidão da memória. Então minha mãe -, pequenininha, tinha... ela seria considerada, realmente, uma minoria de fato, porque ela tinha menos de um metro e cinquenta – corajosa, ô mulher corajosa! –, morreu em setembro do ano passado. Os dois jogaram tênis aqui no Fluminense. Foi assim que entraram. O Fluminense foi importante na vida deles. Eu também joguei tênis, e era difícil saber quem era o pior.

H.B. – Dos três?

G.S. – Dos três. Era uma competição para saber quem jogava pior. Acho que meu pai ganhava. [risos] Enfim... Eles, inicialmente, tiveram muita dificuldade na vida. Como meu pai, um dia, me confessou: “Nós passamos fome”, e eu sei que eles moraram, várias vezes, junto com meu avô, sei que moramos... Eu nasci na Vila, em Vila Isabel; mas eles moraram no Méier, São Cristóvão. Eu tenho uma das minhas primeiras memórias de infância de uma rua em São Cristóvão, subindo, e meu avô, que era propenso a ter raivas, tendo um chilique tremendo no telefone. Aquele telefone antigo, que você rodava e falava com a telefonista. Era um instrumento novo. E, naquele telefone, aconteceram duas coisas, que não dá para esquecer. A primeira é a minha tia-avó, que já era idosa naquele momento, e veio da Paraíba, queria comprar sapatos; e aí, creio que a irmã dela, minha avó, recomendou que ela falasse com a sapataria. Como é que faz isso? Ah, pega no telefone e pergunta. E ela pega no telefone, a telefonista atende e diz: “Qual o número que a senhora quer?” Ela disse: “Como é que ela descobriu que eu queria comprar um sapato?!” [risos] Bom. Com meu avô, que causou essa quase apoplexia, foi diferente. Alguém telefonou e pediu para esticar a corda do telefone, dobrar duas vezes, dobrar mais duas vezes – e meu avô está lá, fazendo, religiosamente, cumprindo as instruções –, aí o sujeito diz: “Agora, enfia.” E meu avô, claro, ficou apoplético, porque ele era da velha escola, onde não se faziam coisas assim. Isso não se fazia. Nós moramos, várias vezes, aqui em Laranjeiras.

G.S. – Minha primeira escola teria sido o Liceu Francês, mas eu não me senti nada à vontade, porque o pessoal falava uma língua estranha, eu era muito pequeno, seria equivalente, talvez, a pré- escolar, e depois eu estudei em escolas públicas, o primário. Na verdade, estudei numa mesma escola, que mudou de nome: era Rodrigues Alves, passou para José de Alencar. E ainda existe, aqui em Laranjeiras. Estudava muito. A mãe professora, tu imaginas, né?

H.B. – Ela era professora da escola?

G.S. – Inicialmente, não. Depois, sim. Ou, inicialmente sim, depois não, eu não lembro.

H.B. – Mas você tem memória dela na escola.

G.S. – Tenho memória dela na escola. Tenho memória de que a escola servia a públicos muito diferentes, público de classe mais ou menos média, e também, sendo a escola onde é, por...

A.G. – É perto da Perinatal.

G.S. – Isso. E há uma ladeira, que levava para uma favela que é antiga no Rio de Janeiro. E os meninos da favela estudavam aí. Então eu me lembro de coisas que... Dos piores momentos digamos, que é o que a gente guarda. Um menino cortando o outro com gilete. Essa era a forma de agressão. Hoje, é trinta e oito, né? E professoras dedicadas. Não tenho a menor dúvida de dizer que a escola primária daquele tempo, isso é início de 40, da década de 40, era uma escola primária pública de bastante qualidade. Creio que outras também.. De lá, eu fui para o Colégio Zaccaria, que era só para homens. E, antes de ontem, eu visitei, pela primeira vez desde que saí, por casualidade. Falo dele agora. Enfim. Padres, professores leigos, alunos já claramente de classe média. Era pago. Alguns estudavam e outros não. Havia dois que se revezavam como o melhor aluno. Um se chamava Alfonso Augusto Moreira Pena e outro, João Paulo. E havia outros três que nos revezávamos pelo terceiro lugar no quadro de honra, que eu acho que só podia ter três, que eram Mário Bezerra, Francisco [Inaudível]Laport, que depois morreu atropelado, e eu. O ensino era tradicional, autoritário, mas eficiente. Eu aprendi francês – é raro isso – sem nunca ter ido à França. Realmente, eu lia francês sem muita dificuldade, falava e tal.

A.G. – Tinha disciplinas de religião lá?

G.S. – Tinha. Nem me lembro. Não me lembro do professor, não me lembro do conteúdo.

H.B. – Mas tinha.

G.S. – Tinha. Mas não me lembro.

H.B. – Mas a escola pública também tinha, nessa época.

G.S. – Tinha. Também, não me lembro de professores, nem de conteúdo.

H.B. – Pois é. Não é por que era escola de padres.

G.S. – E me lembro que eu não tinha um bom professor de matemática; e acabei pagando um preço por isso, porque, depois, eu tive que fazer um percurso longo. Saí daí e fui para o Andrews, que então era na Praia de Botafogo. Claramente, um colégio de elite. O fato de morar aqui em Laranjeiras, nessa rua, [em] que morava desde cedo, na rua Pinheiro Machado, não nesse apartamento, mais na frente, implica em uma rede social – enfim, de pessoas, amigos, amigas, conhecidos –, que era para cima, em termos socioeconômicos. Ou seja, eu era o pobre no meio dos ricos. Inclusive, indo a um colégio que era claramente bem mais rico, e eu nunca podia ir a lugar nenhum, porque não tinha grana para fazer isso. Eles tinham atividades; e isso fazia alguma diferença.

H.B. – E ter um bom desempenho, como você tinha, facilitava essa aproximação com os de cima?

G.S. – Os de cima não... nem sabiam muito que eram de cima, não é. Eu te digo como, por exemplo, eu me dava conta de que era de cima. Eu adorava praia. Apesar de morar aqui, ia muito. Quando pudesse, ia. E fazia aquilo que nós, inicialmente, chamávamos de pegar jacaré, mas que de fato é *bodysurfing*. Inclusive, o equipamento que nós nos permitíamos era... em espanhol se diz *aletas*.

A.G. – Nadadeira.

G.S. – Nadadeira de pé.

H.B. – Pé-de-pato.

G.S. – Pé-de-pato. Era a única coisa que nós nos permitíamos. Enfim. Eu estava situado entre a marola e a onda para valer; digamos, aí também, no grupo do meio. Não era maroleiro, nem coisa pequenininha, mas não pegava aqueles caixotes gigantes. Bom. Não foi um período de aprendizagem para mim, foi um período de muita... muito problema de afirmação pessoal, dos 15 aos 18.

H.B. – Adolescência também, não é.

G.S. – *Aborrescência*. E realmente eu era extremamente chato. Muito perdido, muito, sem saber nada. Eu tinha um metro e oitenta e um e pesava cinquenta quilos. Você imagina o que é isso. [Inaudível]Os meus amigos eram... Ou pelo menos, eu não tinha aprendido ainda

a diferença entre o real e o verbal descrito, particularmente no que concerne a mulheres; então, meus amigos todos contavam histórias maravilhosas, e eu não tinha nada para contar; então, eu me olhava no espelho, dizia: “puxa, rapaz! Também, pudera, não é?”. Aí me deu complexo. Então, o que é que você faz? Você tenta coisas mais extraordinárias, como o quê? Como rapar os pelos da cabeça. Que naquele então, não havia *skinhead*, esses horrores, só acontecia com calouro de medicina. Então... rapava. Eu fiz, eu virei um calouro virtual de medicina aos 15 anos, porque eu me rapei todo.

H.B. – Ficou mais atraente?

G.S. – Não sei. Continuei não dando sorte com mulher. Enfim. Aí, eu... Meu pai queria segurança, passar para mim a segurança que ele precisou na vida dele, então, qual era a aspiração? A aspiração era ser funcionário do Banco do Brasil. Pagava bem, segurança, aposentadoria, seguro de saúde, essas coisas todas. E essa ideia, para mim, era absolutamente repugnante. Eu não sabia que ideia ou que vida queria; mas sabia as várias vidas que eu não queria. Minha mãe me dava muito mais força no que concerne a educação, estudo, etc., etc....

H.B. – Ela era professora do quê?

G.S. – De matemática e português.

H.B. – Do ensino fundamental.

G.S. – Acabei indo estudar num curso noturno, trabalhando durante o dia como revisor, um trabalho absolutamente chato. Eu fui aluno da primeira turma da Faculdade de Direito Cândido Mendes, que era...

A.G. – Era paga?

G.S. – Era paga. Mas era, em comparação com outras universidades, era relativamente barata.

A.G. – Mas você trabalhava para pagar a faculdade?

G.S. – Eu trabalhava para isso. E aí eu tive – a rá! – uma namorada. Alemã. Aprendi alemão. Ela não falava nada além de alemão, então eu aprendi alemão. E aprender namorando, é a maneira mais agradável, fácil, é estimulante e tal. E... Ah! Eu era de esquerda.

H.B. – Já sabia isso.

G.S. – Mas não sabia bem o que era ser de esquerda. Se me dissesse... Hoje, eu aparecesse aqui dizendo eu sou de esquerda, eu converso com ele, que sou eu no passado, eu digo: “meu

Deus, você não é nada?”. Enfim. E aí eu leio no *Diário de Notícias*: Russo. Um instituto de estudos políticos e sociais, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro etc., etc., está oferecendo um curso de russo. Eu queria aprender russo.

H.B. – Por causa da impressão de ser de esquerda?

G.S. – Da impressão de ser de esquerda, de achar que as coisas na União Soviética eram muito boas, etc., etc....

A.G. – Você já tinha lido coisas sobre isso?

G.S. – Algo, mas não muito. Pouco. E aí, você fazer curso de russo num instituto de amizade Brasil – União Soviética era a garantia de ser fichado no Dops. Então eu digo, por aí, não. Vamos para a PUC. Ali, todo mundo é rico, de direita, não sei o quê. Cheguei lá. E era parte de um curso. E por não ter nada o que fazer, você se matricular em russo ou em tudo era o mesmo, eu me sentei em outras matérias; e aí eu tive umas duas, três aulas.... E eu disse: é isso, é isso que eu quero.

H.B. – Com quem, você teve essas aulas?

G.S.– Padre Ávila. Fernando Bastos de Ávila.

H.B. – Eu quero muito ouvir sobre padre Ávila.

A.G. – Eu queria fazer uma pergunta antes. Você aprendeu russo?

G.S. – Não. O russo era ensinado por um professor chamado Igor Transcomene Paleolog, cuja *claim to fame* era ter sido amigo de um filho bastardo do czar. Era viciosamente – se é que se pode traduzir de maneira análoga do inglês – anticomunista.

H.B. – Então, ficou insuportável aquele ensinamento.

G.S. – Não. Mas ele... não dava bola. Ele era gozado, interessante e tal. E aí eu comecei a estudar em sério. De um dia para o outro, eu virei um estudante em sério. Nunca tive nenhuma vocação atlética. Eu cheguei a ser um bom jogador de tênis de mesa, andei me metendo em campeonatos, essas coisas. Eu gostava de judô, mas era longe e custava. Então... Era aquela coisa de faz três meses e para dois anos e tal. Jogar futebol era uma vergonha, absolutamente vergonha, então... o meu tempo não estava dividido entre o estudo e uma dedicação. E houve um período em que eu estava estudando, pela manhã, na PUC, trabalhava à tarde, na Edap – Editora de Anuários de Publicidades, e à noite, Direito. Eu me desencantei com Direito muito cedo, muito, muito cedo. Eu achei o Direito absurdamente chato, horrivelmente chato; não tinha sentido de descoberta, de pesquisa, de nada. Aliei isso

também a... era uma faculdade muito ruim. Faculdade noturna, éramos trinta e três alunos... me lembro disso; me lembro que houve um vestibular, eu não estudei nada e passei em sétimo lugar. Imagina como é que era isso. De vez em quando, eu estudava. Havia umas matérias. Teoria Geral do Estado, ensinado pelo próprio Cândido, Direito Constitucional, pelo Célio Borja, Filosofia do Direito. Algumas dessas, eu me interessei.

H.B. – Mais próximas de ciências sociais.

G.S. – Mas Direito Civil... Direito e Processo Civil... Nossa mãe! Que horror! É memorizar código. Horror. Então eu disse: “não é isso que eu quero”.

H.B. – Você se lembra de alguém, contemporâneo de turma, dessa fase do Direito?

G.S. – Nunca mais. Eu me lembro que um que se formou comigo, o Maurício Weissman, depois, ganhou uma loja, uma farmácia, do pai e virou farmacêutico.

H.B. – Mas seu pai ficou contente quando você escolheu Direito? Porque era uma das faculdades tradicionais.

G.S. – Ficou. Ficou. Mas veja bem, como, diferente de hoje, o elenco de opções era bem menor e o conhecimento de meus pais a respeito desse elenco era menor ainda... Ou seja, naquele momento, você fazia Medicina, Arquitetura, Engenharia, Direito, então... nada mais existe. E também dava para notar, deu para notar, durante muitos anos que eu acompanhei minha mãe, como houve perda de estatuto cognitivo com o passar do tempo. Há 75 atrás, uma professora primária era uma professora onde 60, 70% da população era analfabeta. Trinta anos mais tarde, em toda a vizinhança, as pessoas tinham colégio secundário, algumas estavam fazendo universidade, etc.... Vinte anos mais tarde, realmente, minha mãe ficou muito defasada; mas como ela tinha sido uma excelente professora... E era assim, tinha aquele elenco de alunos que fizeram concurso para entrar nos colégios de prestígio da época, que eram o quê? O Pedro II, Instituto...

H.B. – CAP. Aplicação.

G.S. – De Aplicação, etc....

H.B. – Ou Instituto de Educação.

G.S. – Então os alunos dela entravam. Ela, depois, fez um curso de... chamavam de curso de admissão, onde as crianças passavam metade do dia estudando para fazer esse exame de admissão. E ela fez isso muito bem. Bom.

A.G. - Padre Ávila, a gente tinha saído dele.

H.B. – É. Porque você combinava a Faculdade de Direito, à noite, não saiu da PUC, mas não era o russo já. Quando é que você abandonou...?

G.S. – Não. Aí eu já estava apaixonado pela Sociologia. Mas a Sociologia pela qual eu me apaixonei não tinha representantes; ela era, em parte, estimulada pelo padre Ávila, mas em parte era aquilo que eu lia. E eu comecei a ler, cada vez mais, também em inglês.

H.B. – O que é que você lia?

G.S. – Livros que tratavam de pesquisa, de resultados de pesquisa, que estavam começando, não é?

H.B. – Mas assim, naquela época, um curso de Sociologia...

G.S. – Não tinha.

H.B. – Com padre Ávila, falava de pesquisa? Não.

G.S. – Não tinha. Não. Eu lia muito por fora. Isso, desde sempre.

H.B. – Porque você tinha curiosidade com pesquisa. Você se lembra disso, desde cedo?

G.S. – Tinha curiosidade com algumas áreas. Me lembro disso perfeitamente.

Desde sempre. E sempre fui um aluno melhor fora dos cursos do que dentro. Também adorava o fato de que a PUC era num lugar tão agradável, com um clima... era muito mais agradável então do que é hoje, já que hoje tem edifício demais; só dava *avião* lá na PUC, muita mulher linda, eu digo: “nossa mãe!” –, que... é parte. Você tem... As motivações não podem... Quem te contar uma história acadêmica que começa acadêmica, continua acadêmica e morre acadêmica, falou mentira.

H.B. – Faltou um pedaço da entrevista. [riso]

G.S. – Faltou um pedaço grande, não é. Bem grande. Enfim. E eu me convenci bem cedo de que, se eu quisesse crescer e aprender, realmente, Sociologia, eu teria que sair do Brasil. E é interessante, porque, naquele momento, ninguém pensava nos Estados Unidos; era a Europa, era a Europa, sobretudo França. Eu ainda cheguei a escrever uma tese de mestrado em Direito sobre o Georges Gurvitch; mas eu já não tinha mais nada que ver com aquilo.

H.B. – Eu tenho muita curiosidade em saber, sobretudo por que você é um intelectual do Rio, o que foi a figura do padre Ávila. Porque a história da Sociologia no Rio, obrigatoriamente, tem que passar pela PUC, de alguma maneira; e quando passa pela PUC, é o padre Ávila. Mas eu não conheço, e pode ser ignorância minha, nenhuma apreciação,

assim mais distanciada, sobre o que essa figura tem porque são muitas referências positivas, mas a gente não tem essa noção mais precisa.

G.S. – O padre Ávila, ele tinha uma dedicação muito grande ao Instituto, como muitas pessoas têm em relação aos centros, tipo faculdade, que criaram. Ele criou. E começou em 1955 ou 56.

A.G. – Ele criou. 55.

G.S. – E eu fui da primeira turma. E ele tinha um contato muito fácil com os alunos. Ele não era *aquele* professor – por exemplo, da Cândido Mendes – que chegava, dava aula e ia embora. Chegava cansado, dava aula cansativa, e saíamos todos mais cansados ainda, ele e nós. Não. Padre Ávila conversava, ele estimulava, tinha diálogo, tinha ideias. Ele tinha feito um mestrado em Louvain. Suponho que a Louvain católica, porque a outra não existia ainda. As duas eram misturadas. Ele tinha uma certa formação em demografia. Havia outras pessoas que foram... que também já tinham passado por um mundo em que a Sociologia era um pouco diferente. Eu me lembro de um que trabalhava com psicologia social, chamado Mravak [soletra] e de um outro chamado Benko [soletra]. Havia um professor, vindo da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, chamado Geraldo Senenzato. Na parte de política, não havia, realmente, ninguém. Ainda havia aquela vinculação muito muito íntima com Direito. Um dos co-fundadores desse instituto chamava-se Celestino Sá Freire Basílio, que não tinha lá muito que ver com Sociologia; não obstante, numa palestra dele sobre Direito de família, ele transmitiu uma ideia, que depois se tornou importante na minha vida, que é a de que a família existe de Direito próprio, que o Direito de família, não se pode decompor no somatório dos Direitos dos seus membros. A família tem direitos, em tanto que família, além de somar o meu direito, o direito de minha mulher, meus filhos.

H.B. – Resultante durkheimiana.

G.S. – E que também implica em obrigações de todos com a família, e não só com indivíduos. Foi uma palestra das mais interessantes. Agora se essa política era o que ele, possivelmente, representaria lá... Esquece. Bom. Aí aparece uma competição para uma bolsa, no meu terceiro ano. Já tinha terminado Direito. Fui orador da turma. Em verdade, fomos dois oradores. E havia uma pequena revista da Faculdade de Direito, eu comecei a publicar lá. Quando eu era aluno da PUC, eu criei uma revista de alunos, que chamava-se *Síntese Social*, que depois, foi encampada pela universidade e virou *Síntese Econômica, Política e Social*. Deve ter durado uns cinco, dez anos, sei lá quanto tempo durou. E a PUC deixou em mim uma marca, de uma janela, de uma porta, a janela que me mostrou o mundo

lá fora, das ideias. Eu tinha pouco contato com outras pessoas no âmbito das ciências sociais, até o momento em que eu decidi, por conta própria, ir ver. Aí eu fui a Minas. Eu tinha ouvido falar de que havia um programa por lá, com bolsas para estudantes de graduação e tal. Fui lá, conversei com muitas pessoas e tal. Júlio Barbosa, que é quem gerou esse programa, creio, alguns alunos, naquela altura... Creio eu, também, um milhão de anos atrás –, conversei com José Murilo, que estava no primeiro ano, algo assim. Fui a São Paulo. E comecei a aprender um pouquinho a respeito de como estava organizada a Sociologia. E o que faziam naquele momento era, essencialmente, Sociologia Política, não era nem Sociologia pura, não Política, nem sem ser política. Aí apareceu esse concurso, e uma bolsa, eu me candidatei, ganhei.

A.G. – Esse concurso foi em âmbito nacional? Era uma bolsa da Rockefeller, não é?

G.S. – Uma bolsa da Fullbright. Da Rockefeller, com uma passagem da Fullbright.

A.G. – Mas era especificamente para Direito?

G.S. – Era especificamente para Direito. Um programa de Direito comparado, na Universidade de Tulane. Enfim. Consultei com padre Ávila, “vale a pena ir?”. Ele disse: - ora, com aquela riqueza de perspectivas, pesquisas, disciplinas - “claro que sim. Claro.” E aquilo para mim bastou.

H.B. – Mas aí você tinha concluído o curso de Sociologia aqui.

G.S. – O curso de Direito.

H.B. – De Direito só. De Sociologia, você fez umas disciplinas e pronto.

G.S. – Só. Eu estava no terceiro ano de Sociologia. Passei o primeiro ano, vou para o segundo ano, faltava um ano e coisa para eu ir. Era melhor ir. Era mestrado. Fui.

G.S. – E aterrissei em Miami, fiz... sei lá, as besteiras que muita gente faz em Miami, e depois fui para Nova Orleans, onde houve muitos choques na minha vida. O primeiro choque, que me colocou a questão racial na minha cabeça, foi de que a universidade era segregada, não admitia negros. Eu digo, como é possível que um país desse... E eu vinha andando – várias, *n* vezes – pela rua, uma família negra vinha no sentido oposto, a família negra saía da calçada e entrava na rua. Era a maneira de mostrar respeito. Eu escrevi um artigo sobre o Barack Obama, no *Jornal do Brasil*, onde eu narro isso. Digo, “meu Deus! Que é isso, não é?”.

H.B. – Quer dizer, a nossa universidade também não tinha negros na época. Mas não tinha proibição.

G.S. – Não. Aí... Mas não era proibido. Naquele então, estou voltando um pouquinho, as pessoas conhecidas aqui no Rio de Janeiro, as *soi-disant* sociólogas, eram muito poucas, muito muito poucas. Era Luiz Costa Pinto, que vivia às turras com Guerreiro Ramos, e o... um que estudou, em verdade, também na Universidade da Flórida, Arthur Rios. Acho que não existia mais ninguém, porque não se fala em mais ninguém. Na Faculdade Nacional de Filosofia, havia um curso de Ciências Sociais, muito muito tradicional. Mas São Paulo já tinha, enfim, Florestan. Uma diferença muito grande.

H.B. – E a Escola Livre, não é? Tinha a USP e tinha a Escola Livre.

G.S.– Também. Bom. Vou para Tulane, faço o mestrado, mas fazia mais matérias fora de Direito do que dentro. O meu orientador era – incrível que pareça, era um professor comunista chamado Mitchell Franklin, que vivia no gueto negro; e os alunos, muito brancos e muito conservadores, o sacanearam por isso. Ele era pequenininho, baixinho, e era um *scholar*, que tinha umas publicações que causaram impacto; e talvez, por isso, Tulane o engolisse. Eu fiz o mestrado, escrevi a tese etc., em tempo bastante rápido. E eu me dei conta de que eu não sabia muito, quase nada de como, em verdade, fazer pesquisa. Aí comecei a fuçar onde que eu poderia fazer pesquisa, aprender a fazer pesquisas. Afinal de contas, eu queria ser pesquisador em Ciências Sociais e não sabia como fazer pesquisa. Aí descobri que o melhor lugar talvez fosse o NORC, *National Opinion Research Center*, da Universidade de Chicago, e me mandei para lá. Eu tinha apenas um entendimento de que eles iam se encarregar da parte burocrática, de que eu fazer entrevistas na rua e fazer trabalho de qualquer... o que pintasse. Digitar, digitei, entrevistei muito na rua, porque era uma questão de conhecimento de idioma, então... Eu falava espanhol? Não. Aprendi. Mas por alguma razão, os idiomas vêm com certa facilidade para mim. Então entrevistei em italiano... Falava italiano? Não. E aí apareceu uma russa. Mas não dava. O meu russo, realmente, não dava para o gasto. Me lembro do nome dela. Anastasia Vietsky. Uma história de vida linda, linda linda. E eu violei todas as...

A.G. – O protocolo da pesquisa.

G.S. – Da pesquisa, porque ela era muito pobre, e no segundo dia que eu fui visitá-la, eu passei no supermercado e cheguei com um monte de coisa para ela lá. Era uma velhinha de... sei lá que idade tinha. Naquele momento, para mim, parecia centenária. Hoje, possivelmente, eu soubesse que ela era mais jovem do que eu sou agora. Enfim. Muito

velhinha, na minha perspectiva, e usando uma senhora amiga dela para fazer a tradução; então, foi de tabela. Entrevistei italiano, levei uma corrida, saí corrido de uma dessas entrevistas, porque a pesquisa incluía vários módulos e um deles era sobre aborto. E nos Estados Unidos de 1959 e de italiano, você não fala de aborto. Pode até fazer, mas falar, não dá. E me puseram para correr. Bom. Não é fácil, aprendi, entrevistar minorias. Não é nada fácil. Mas você não só aprende a entrevistar com maior diversidade, mas também aprende algo a respeito do que torna aquela população diversa

– da diversidade. Isso me serviu. Trabalhei de outras coisas, que foram muito úteis também. Trabalhei de garçom, e aprendi uma enormidade, trabalhando de garçom e de *bartender*, porque quem trabalha de garçom e serve bar, são pessoas que não existem. Era absolutamente hilário, em certo sentido, porque eu estava aqui, a maior cara-de-pau, olhando para o destino, e aqui, uma mesa de pessoas, e os caras diziam qualquer coisa.

H.B. – Os invisíveis.

G.S. – É. Certamente, eu era invisível. As pessoas dizendo o que fosse, qualquer coisa. Aprendi de que... enfim, uma respeitabilíssima universidade americana... Eu era *bartender* no *Quadrangle Club*, que é o clube dos professores da Universidade. Consegui isso através de outro brasileiro, que conseguiu com um italiano, etc., etc.. Enfim, que as universidades não eram lugares em que as pessoas eram eticamente melhores do que fora dela: tinha inveja, briguinha etc. e etc.. Aí eu “cantei” alguns professores para que me deixassem sentar nas aulas sem pagar nada. E eu devo ter sido muito bom nisso, porque ninguém me negou. Enfim. Eu estava obtendo uma educação, sem diploma, sem crédito, mas sem ter que pagar nada, então...

H.B. – Foi assim com a Sociologia na PUC?

G.S. – Eu não me lembro nem se a Sociologia na PUC tinha... Foi... Não.

H.B. – Porque você não se graduou, afinal, em Sociologia.

G.S. – Não. Não.

H.B. – Mas você assistia a aulas.

G.S. – Assistia. Você sabe que eu não me lembro se eu era aluno regular ou não. Era. Porque eu fui presidente de diretório. Tinha que ser.

A.G. – E pagava já. Naquela época, você pagava já.

G.S. – Pagava. Pagava. Mas teve um período grande, nessa época daí, que eu trabalhava e

não pagava com dinheiro. Enfim. E Chicago, eu consegui acompanhar a pesquisa, não desde a concepção, que seria o debate teórico, a definição do problema, o que é que nós queremos saber, consulta ali a bibliografia, mas desde que isso está sendo traduzido para um questionário até ter uma noção da amostragem, ter alguns dos pesquisadores, falar com os entrevistadores a respeito da pesquisa, fator motivacional muito importante, a gente não faz isso aqui... O processamento que vem depois, veja, naquele então, era você perfurar cartão por cartão IBM, aprender a rodar aquelas coisas, aprender um pouquinho de estatística para rodar aquelas coisas e por aí vai. Isso durou... sei lá, muitos meses. Não deu para mais. E realmente, era difícil, às vezes, para pagar aluguel e os gastos e todas essas coisas, porque era um monte de coisinha, de pagamentos pequenos; aí, eu decidi que estava na hora de voltar. E voltei por Cuba. Eu fui a Miami, de Miami fui...

H.B. – Tinha acabado de fazer a revolução.

G.S. – Tinha acabado. Exatamente. Tinha acabado. E naquele então, era um baita fervor, não é? Um baita fervor. E também, como não tinha dinheiro, fiquei pouco tempo. E fui em frente. Voltei.

H.B. – Você se lembra bem da chegada a Cuba?

G.S. – Ah! Lembro. Me lembro do pró e do contra. Fui para o telefone público lá que não funcionava, estava abandonado e tal; e me lembro de falar com pessoas que eram pró e que eram contra. E havia lutas dos dois. E era uma sociedade que estava dividida, mas, é interessante que, diferente da chilena, ela estava dividida em duas metades, mas, se politicamente as pessoas não se entendiam, pessoalmente, as pessoas se entendiam. Ao passo que no Chile, que eu vim a conhecer alguns anos, vários anos mais tarde, as pessoas se entendiam... não se entendiam politicamente, e essa definição partidária, que era mais política, era partidária, determinava uma série de antagonismos pessoais também. Irmão que não falava com irmão. Esse tipo de coisa. Não era assim em Cuba. Em Cuba, um xingava o outro de... disso e daquilo, e depois iam... *salían a bailar algo por el destino*.

G.S. – Aí fechei esse período, digamos, de sacrifícios. Chego aqui. E fui dar aulas na Fundação.

A.G. – Isso é ainda em 59, 60?

G.S. – Isso é 60 ou 61. Por aí. Acho que é 60.

A.G. – Aqui está 59.

G.S. – Não. 59 eu estava em Chicago. E parte de 59 eu estava em Tulane. Acho que é 60

ou 61.

H.B. – Tem algum contato especial para chegar à Fundação?

G.S. – Não me lembro como é que foi. Só me lembro que Temístocles me convidou para dar um curso de métodos. Tinha poucos alunos. Quinze. Uma coisa assim. E eu organizei esse curso de métodos e dei esse curso de métodos. Havia... uma coisa chamava Instituto de Direito Público e Ciência Política, lá na Fundação, que tinha uma revista, que era a Revista de Direito Público e Ciência Política, onde eu comecei a publicar alguns artigos, uns dois ou três. Me lembro que escrevi um sobre organização e dispersão eleitoral, já bastante mais para o lado político das coisas, com uma estatística matemática chamada Amélia Maria ou Maria Amélia Carvalho Noronha. E não tinha grana para nada. Aí se aproximam as eleições presidenciais aqui. Fim de 60. Eu cheguei um pouco antes. E era aquilo. Antes, não se falava em pesquisa, não se falava em *survey*, se falava em prévia. O que é era a prévia? Sai um neguinho aí no meio da rua, fala com 20 pessoas e diz: 18 – aí computa a percentagem – são a favor de Lacerda, não sei quantos... E tal. Eu olhava para a descrição e evidente que dizia: está tudo errado. Aí, estava uma descrição de que o *Correio da Manhã* ia fazer uma pesquisa. *Correio da Manhã anuncia* uma pesquisa. Eu disse: “essa é minha chance”. Botei o único terno que eu tinha... Tinha um. Aliás, eu me acostumei, durante muito tempo, a ter um terno só. Era o único. Eu tinha um cinza, e um dia, protestei com meus pais, dizendo: “ô cara, eu já sou...”. Não. Eu tinha um azul. “Eu já sou o azulzinho do baile”. Não dá para dar... [riso] Aí trocaram; que também, já estava muito puído, né. E botei o meu único, e portanto, melhor terno, e fui para lá me vender. Me vender no sentido de chegar e dizer: olha...

H.B. – Eu sei fazer. Posso fazer diferente.

G.S. – Eu sei fazer. E evidentemente que eu falei em Chicago. Solene. Por aí. Toda uma... Até onde eu achava que o pedantismo podia dar certo. E também expliquei para o cara, que se chamava Roberto, que ele ia errar. E expliquei por que ia errar. E ele entendeu. Aí disse... Mas, o que fazer? Eu disse: “Olha, eu te proponho o seguinte. Eu vou fazer um questionário, vocês pagam a pesquisa, eu não cobro nada, e os dados são meus”. Naquele então, não tinha dado para nada. Para nada, absolutamente nada. E ele topou. Aí eu fui, naquele... lá, *sur place*, não é, fazer o questionário. Fiz um questionário de 40 e poucas palavras, perguntas, e tinha pergunta sobre identificação com classe... Ainda tinha aquela coisa de três níveis de consciência de classe, de identidade, “eu sou o quê?”, “contra quem eu sou”, e a totalidade, que é, inclusive, diferente e tal.

H.B. – Você pulou o Gurvitch, lá de Minas.

G.S. – Não. O Gurvitch foi a tese; e eu não tive nenhuma paixão pelos “*paliers en profondeur*” do Gurvitch, esqueci rapidamente. Enfim... Aí os diretores do *Correio da Manhã* disseram “ninguém vai responder esse troço”. Eu disse: “Responde sim, as pessoas respondem”. Vai, não vai, vai, vai, não vai. Eu disse: “Vamos fazer um teste. Roda uns exemplares, afinal, o *Correio da Manhã*, um jornal, a gráfica roda uns exemplares, e nós vamos aplicar”. “A quem aplica?” “Aplica ao pessoal que trabalha aqui mesmo”. E uma das perguntas era “qual o jornal que você lê” – e o pessoal lia a *Última Hora*. E botou lá, e disse. E eles ficaram, por um lado, chocados com que eles lessem a *Última Hora*, que era o jornal do antigo PTB, e pelo outro lado, de que respondessem e dissessem isso. E aí ficou combinado de que era assim. Eu, depois, dei uma calculada na amostra, e fizemos uma, mais ou menos, duas mil entrevistas; que foram tiradas – ilegalmente - do registro do Tribunal Regional Eleitoral, usando um... Não dava para tirar as coisas e botar no [Inaudível], fazer aleatória desse tipo. O que nós fizemos foi uma coisa chamada de amostra aleatória espacial, em que você tem o tamanho dos arquivos, com o nome das pessoas, e espreme, tenta espremer, de maneira a ficar igual, e aí você vai, cada n centímetros, você tira um, escreve, e vai entrevistar; depois, você faz uma amostra de *replacement*, de... não sei. E aí, treinamento de entrevistadores... Por exemplo, a Neuma participou disso.

H.B. – Mas essa amostra você tirava de onde? Dos assinantes?

G.S. – Não, não, dos arquivos de eleitores registrados. E ela era domiciliar, por isso que era cara, e o pessoal tinha feito cara feia. Então... Enfim. Fazemos isso e começamos a entrevistar. E mais ou menos uns quinze dias antes de fechar, nós começamos a parte, que estava atrasada, de verificação. Dois tipos de verificação: um, com uma percentagem maior, você ou telefona ou dá um pulinho lá para perguntar “esteve aí um cara... e tal?” – Dizer: “esteve; não esteve”. Fim. E aí, praticamente, todos me recebem. E a outra era, com uma amostra menor, você refaz a entrevista, compara; e o que acontece é que você descobre que o motivo mais comum de fraude é o sujeito chegar lá, perguntar algumas coisas que estão no cabeçalho, depois, leva para casa e preenche. Não é a fraude cem por cento. Ou entrevista pessoas erradas, para não perder a viagem. Mas teve um cara que fez duzentas e poucas entrevistas que não fez. E nós pegamos esse cara. Ele saiu correndo do jornal, e nós atrás. Como nós tínhamos o que ele tinha escrito lá, os documentos, tinha cópia dos documentos dele, soube que esse cara tinha uma ficha extensa na Polícia. Enfim... Vários tipos de...

H.B. – Combinava com a trajetória pessoal.

G.S. – Sim. E aí tivemos que refazer essas entrevistas, meio assim... E aí eu publico o primeiro grande artigo no *Correio da Manhã* sobre os resultados; mas diferente do que se publicava então, que era uma espécie de fotografia antecipada do resultado, era analítico: classe sociais, por educação, por isso, por aquilo; e quem votou nas últimas, quem vota agora. E o pessoal achou que isso era muito bom. Eu também. Aí, estou preparando outras matérias, quando me chega uma carta, que me botou para correr, escrita à mão por um dos candidatos a governador, ameaçadora. E esse cara era nada mais, nada menos que Tenório Cavalcanti.

A.G. – O homem da “Lurdinha”.

G.S. – O homem da “Lurdinha”. Vivia com aquela metralhadora. Eu digo, eu não fico aqui, não. Fui para Brasília. Aproveitei que estavam inaugurando Brasília...

H.B. – Isso que eu quero saber, como é que você entrou na UnB.

G.S. – Não. Não tem nada que ver com a UnB ainda. Nada. Só fui visitar Brasília, inauguração, aquilo era um deserto vermelho. Eu queria ficar longe do Rio. Longe do Rio. Estava com um medo desgraçado. O rabo entre as pernas. Podia levar tiro aqui, por causa de eleição? Eu não.

A.G. – Longe do raio de alcance da “Lurdinha”.

G.S. – É. Exatamente. E o que é que nós descobrimos? É que o pessoal estava sobreestimando a votação de Lacerda, porque estava entrevistando, principalmente, na Zona Sul. E naquele então, as duas zonas populosas eram Zona Sul e Zona Norte, a Zona Oeste não era tão pesada como é agora. E isso, em artigo, fica compreensível, dá para explicar. Aí o *Diário de Notícias*, que era um competidor matutino do *Correio da Manhã*, diz: “O *Correio da Manhã* tinha razão”. Aí, enchi a bola. Nesse então, o Temístocles sugere de que eu poderia conseguir uma bolsa do Instituto Brasileiro de Ciências Sociais, que era na rua... Marquês de Olinda, aqui em Botafogo, numa casa antiga, que tinha uma árvore centenária. Me lembro muito da árvore, porque virou pomo de discórdia, porque queriam derrubar a árvore e tal.

H.B. – Mas Gláucio, eu tenho interesse especial nos dois anos iniciais da UnB. Está um clima completamente diferente das universidades, era aquele projeto próprio do Darcy, era um certo acerto de contas com a UDF. Você tem alguma lembrança da entrada naquele ambiente universitário? Aquilo chamava atenção? Nada.

G.S. – Não. Nada.

H.B. – Esse 60, 61 de UnB não tem que ver com UnB nesse sentido.

G.S. – Não ocorreu. Nada. Nada.

A.G. – Mas você não esteve... Só para a gente esclarecer. Pelo que eu estou entendendo, 61, 62, você não esteve na UnB. Ou esteve?

G.S. – Não. Não.

H.B. – Você foi a Brasília. É diferente. Foi ver a capital.

G.S. – Eu fui me virar em Brasília, até terminarem as eleições, essas coisas. De volta aqui, houve essa possibilidade de uma bolsa no Instituto de Ciências Sociais; e eu propus uma pesquisa muito mais ampla, que era para dar um retrato de política no Rio de Janeiro, ambiciosa; e aí comecei a perder a virgindade no que concerne à honestidade dos cientistas políticos sociais brasileiros. Por quê? Porque um deles... Isso foi decidido lá numa comissão, suponho, diretoria, qualquer coisa assim, aí um deles sai, diz assim: “Eu defendi, mas eles foram contra.” Eu disse: “legal, o cara defendeu”. Só que a secretária era minha amiga, e depois, me disse: “Puxa, rapaz, por que fulano não gosta de ti e do teu projeto?” [riso] Como ela não tinha nenhum interesse em mudar a verdade, que eu soubesse, não é, digo: “nossa mãe! O jogo aqui é meio brabo”. Fiquei escrevendo artigos, dando aulas, durante esse período, sem me desvincular totalmente do Instituto de Direito Público e Ciência Política, e...

A.G. – Ficou dando aula na FGV...

G.S. – E encontrei o Darcy, onde ocorreu isso. O Darcy, depois dos resultados da pesquisa etc., etc., pesquisa eleitoral, achou que era uma maneira de você melhorar a relação, em suma, o produto das muitas pesquisas que tinham sido feitas e que nunca viram a luz do dia; só com dado coletado, não analisado, vira lixo. Mas eu tinha medo de me meter em algum tipo de conflito com o original. Então, não entrei nessa. Nesse momento, eu também... eu comecei a escrever bastante; aí publiquei na revista... creio que se chamava *Sociologia*, lá da Escola de Sociologia e Política, vários artigos na *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, de Minas.

H.B. – Antônio Octávio Cintra.

G.S. – Aí... o que mais?

H.B. – E você vai voltar para os Estados Unidos.

G.S. – Aí eu decido... Eu voltei a morar com meus pais, porque a grana da Fundação Getúlio

Vargas eram... 50 dólares.

A.G. – Eu ia perguntar isso, sobre a remuneração do cientista social nessa época.

G.S. – 50 dólares. Não dava para viver. Ninguém vivia disso aqui. Você tinha que fazer pesquisas e várias... Mas o Instituto de Ciências Sociais tinha uma bolsa razoável. O problema foi quando... outro problema surgiu quando um diretor da Marplan, logo depois das eleições, veio falar comigo e me ofereceu uma grana, que eu achava que era inacreditável. Lembra que eu cresci pobre. Não me lembro de quanto que era essa grana, mas era muito mais do que a bolsa do Instituto de Ciências Sociais; e eu tive aquele momento de reflexão, disse: “se eu aceitar isso, eu vou ser rico, e nunca vou ser o sociólogo, o cientista político que eu queria ser.”

H.B. – Você já sabia que queria ser.

G.S. – Ah! Sim. Desde muito antes. Desde muito antes.

H.B. – Você acha que um bom salário desvirtua?

G.S. – Não. É que...

H.B. – Ou é o tipo de contrato?

G.S. – O tipo de contrato era para fazer pesquisas de mercado. Você escova os dentes com Colgate, Kolynos ou...? Bem. Existe, está aí. Nada contra. O problema é que ela absorve; e não sobra tempo, quer dizer, eu não tinha elementos demonstrativos de que era possível combinar.

H.B. – Porque, talvez seja possível combinar muito mais tarde.

G.S. – E veja, eu tinha o quê, nessa altura? 26. 26 para 27. Então... Ainda tem muita coisa para rolar. No Centro Latino-Americano em Pesquisas Sociais, onde eu também publiquei vários artigos... Por que eu enfatizo isso? Porque eu estou construindo uma reputação naquele momento, que pouca gente publica, que pouca gente existe. Havia um professor chamado, americano, chamado Joseph Carl, que eu tinha ouvido e visto em Chicago quando houve uma reunião da American Sociological Association; e converso com ele, ele me convida para ser *room mate*. Ele morava num edifício, assim à tradicional, lá no Posto 6. E eu digo: “Cara, não posso pagar o aluguel; a minha parte, não tenho a menor condição de pagar isso. Eu tenho uma bolsa”. E ele disse: “Então, vamos fazer o seguinte, vamos pagar proporcional à renda.” Ótimo. Era muito melhor do que morar com meus pais. Eu estava absolutamente acanhado de morar com meus pais. E fui para lá. E passamos... não sei quanto

tempo. E Joe acabou sendo meu orientador. Ele me disse uma coisa importante. Disse: “Gláucio, você conhece métodos de pesquisa, particularmente, de *survey*, você conhece Sociologia política, mas você não é sociólogo não. Falta muita coisa”. Aquilo ficou... Na minha cabeça. Eu não tomei isso como insulto, mas como uma avaliação fria, uma espécie de toque de acordar. “Acorda, bicho! Te manca”. E, a partir de então, eu comecei a fazer planos para voltar para lá. Aí, através dele e das suas conexões no México, eu recebo um convite para ir dar um curso de métodos de pesquisa na... um lugar que combinava dois programas, um programa era de... o Museu de Antropologia, em verdade era do Instituto de Antropologia do México, e era financiado por um programa chamado PICSA, da Organização dos Estados Americanos. Aí vou para o México.

H.B. – Mas eu quero fazer uma pergunta antes. Por que fez tanto sentido para você quando alguém diz você não é sociólogo?

G.S. – Porque eu não tinha tido uma exposição àquilo que eu achava... Veja bem. Aqui, não havia doutorado. Eu vou para lá, eu vejo o que é um doutorado, apesar de não poder fazer, em Sociologia; quantos cursos, quantas matérias, diversas, variadas.

H.B. - Quer dizer então, na hora, você identificou que ele estava dizendo que faltava estrada na sua formação, mais canônica e tal.

G.S. – Isso. Exatamente. Isso. E eu assimilei isso muito bem. E aí, minha mente mudou, digo, eu tenho que aprender. Fui para o México. Eu tinha estado no México antes, nas férias de Tulane, e tinha entrevistado mexicanos imigrantes em Chicago. E aí, realmente, o meu interesse pela América Latina subiu...

G.S. – Eu entrei em contato com alguns outros países da América Latina e me dei conta de que a América Latina era um parâmetro teórico para mim, e isso teve um impacto muito grande na minha vida; que não acabou, ficou. Ficou a questão empírica, ficou a interdisciplinaridade, ficou a perspectiva latino-americana. Fiquei quatro meses para o... Eu sei que eu ganhava 600 e poucos dólares da época, o que era, para mim, uma enormidade. Estava assim fora do... Podia fazer o que eu quisesse. Comprei até um carro, que raramente usei. Esse tipo de coisa. E fiz tudo que tinha que fazer para, terminado isso, voltar ao Brasil, arrumar as coisas e ir fazer o doutorado na Washington University, em Saint Louis. Aí o Joe já tinha voltado. E fiz. Voltei ao México, porque aí eu tinha conhecido minha primeira esposa, então voltei lá, para a gente ficar junto um tempo; e depois viajei para os Estados Unidos. E até me lembro de que eu viajei junto com Pablo González CesaNova naquele voo. Não sei aonde que ele ia, não me lembro. E... Saint Louis. Sendo que eu fui muito preparado

para Saint Louis. O que é que eu quero dizer com isso? Eu estudei o programa e fiz uma coisa que é inusitada: eu já cheguei com os dados que eu precisava da pesquisa, busquei os dados. Eu queria estudar as relações entre desenvolvimento econômico e radicalismo político. Então... Isso significa construir uma base, na qual vão entrar expressões políticas, particularmente eleitorais, parte dessa base, vão entrar indicadores de desenvolvimento, e eu, desde antes, tinha fatorizado indicadores de desenvolvimento econômico e social, o que... Enfim. Essa fatorização oblíqua me confirmou, era o que eu pensava, de que aquele conceito inclui coisa demais, e que uma coisa de desenvolvimento econômico, que é algo dividido por médias, que são médias – renda *per capita* é uma média...

H.B. – Rostov.

G.S. – Não. Eu nunca fui rostoviano, não.

H.B. – Não. Estou dizendo esse tipo de indicador.

G.S. – Ah! sim. E a outra coisa era como a maioria da população vive. Média não, a maioria. Como vive a parte de baixo, como vive a maioria. E isso seria desenvolvimento social. E por exemplo, analfabetismo está muito mais próximo disso do que *renda per capita*, mortalidade está muito mais próximo disso do que *renda per capita*, mortalidade infantil, que é subcapítulo de mortalidade. E por aí vai. E dava um fator aqui, outro fator aqui, não ortogonal, que seria não ter nenhuma relação; mas, relacionados, mas diferentes. E os indicadores de desenvolvimento econômico, cada um fator, um outro fator. Essa era minha ideia, de que o radicalismo se explica pelo hiato entre os dois. Isso foi alcunhado de *Teoria do Hiato*. Ou seja, uma divergência com aquela posição de 1848, do *Manifesto*, de que algum dia, quando o capitalismo for muito avançado... etc., etc.. Quem entrou não foi Rostov, foi um senhor chamado Simon Kuznets, que trabalhava sobre distribuição de renda numa perspectiva comparada. E existia algo chamado a curva de Kuznets. Ou seja, ele analisou vários países, fez trabalhos comparativos, e o que é que resultava? Resultava que, primeiro, a desigualdade aumenta com o desenvolvimento capitalismo, e depois ela diminui. Então os países capitalistas avançados... Os países capitalistas avançados, neles, o hiato era pequeno, era menor. Depois, eu li outras pessoas, inclusive...

H.B. – Marx escreveu nessa curva.

G.S. – Isso. Ele escreveu nessa curva. Já tinha alguns dadinhos. Mas aí vieram artigos muito importantes. – isso, depois da minha tese –, do Edmar Bacha, e um artigo que chamava *Mas allá de la courbe de Kuznets e...* de um outro cara, que era um hindu, que também, com a

mesma coisa, a mesma ideia, de que não havia um ponto fixo

- em verdade, foi antes, porque eu peguei essa ideia - um ponto fixo a partir do qual as coisas se equilibravam. Isso seria rostovianismo. Capitalismo industrial avançado e tal. E eu já levei todos esses dados prontos. E eu tinha que construir uma imagem de um cara que vai traçar isso bem. Para construir essa imagem, você tem que engambelar. Eu sou bom em engambelar. Sabia que era. Naquele então, os alunos de doutorado tinham que passar dois exames de línguas, nos Estados Unidos. Vergonhosamente, isso já não é obrigatório em quase todos os lugares. O que significa que Sociologia e Ciência Política, nos Estados Unidos, se volveram para dentro, viraram para dentro. Evidentemente inglês, não poderia ser, e eles não deixaram que português fosse. Tinha um outro aluno, que era nascido na Polônia, crescido em Israel, que estava na mesma situação. Ele não podia usar inglês, porque era Estados Unidos, não podia usar polonês e não podia usar hebraico. Então nós nos reunimos... O nome dele era Sacha [Weickman]. Disse: “Ô Sacha, vamos sacanear?” Aí combinamos como é que ia ser sacanear. Sacanear era, ao invés de fazer duas línguas, resolvemos fazer quatro. Entende? Ao invés de fazer mais duas, vamos fazer mais quatro. Por quê? Porque a tradução, era o que se pedia, uma tradução de um texto acadêmico. É mole. Então, evidentemente, eu joga espanhol, francês, italiano e meu alemão macarrônico, muito macarrônico.

A.G. – Tradução da língua para o inglês.

G.S. – É, para o inglês. Eu digo: eu quero fazer quatro exames. Os caras não sabiam como lidar com essa situação, porque, em geral, o pedido era eu quero fazer só uma ao invés de duas. E... Enfim, traduzir um texto em espanhol ou traduzir um texto em francês ou italiano é mole. Alemão, me deu um pouco mais de dor de cabeça.

H.B. – Você tinha que ir das línguas para o inglês.

G.S. – Para o inglês. Mas o negócio gostoso é que a gente criou um mito, não é. Bom. No segundo semestre, é quando se fazem – não, uma vez por semestre – os exames de qualificação. O exame de qualificação, naquele então, era muito diferente. Hoje, aqui no Brasil, é em cima da tese. Lá, não. Lá, naquele então, eram cinco áreas. Uma delas, eu me lembro que era Método de Estatística, outra era Sociologia das Sociedades Urbanas Industriais, Teoria, e por aí vai. Você tem alguma escolha. Você pode escolher uma, duas dessas. Mas, por exemplo, Teoria, tinha que ser, Método, tinha que ser. Eu acho que éramos onze ou treze, e passamos quatro, nessa história. E eu estudava, gente, eu estudava e estudava muito. Isso daí nunca foi... E eles tinham o sistema de *honours*. Nunca tinham dado

duas *honours* a ninguém. Me deram três. Então, evidentemente, a partir daí... Que o objetivo era outro, o objetivo era mais adiante. Eu ganhei um prêmio chamado *Bobs Merrel*, que era o quê? Era uma cópia de quatro ou cinco volumes de artigos em Sociologia, para você ler. Seus. Naquele então, não tinha computador, laptop, nada. Isso também era... Eu não queria... Esses quatro ou cinco volumes, que eu tenho, não era o que eu queria, o que eu queria era não ter que ficar lá muito tempo. Por quê? Porque eu já estava em correspondência com um cara que trabalhava mais perto do que eu fazia, que era o Lipset, e que estava na Universidade de Califórnia, em Berkeley. E o Lipset tinha me mandado um convite para ir trabalhar com ele, para eu fazer o doutorado lá. Mas aí era aquela coisa formal, universidade pública, de ter que fazer um mínimo de não sei quantos cursos, etc.. É irônico e contraditório. Eu fui para os Estados Unidos para fazer curso, mas não queria ficar três anos fazendo curso. Então... Aprovar desse jeito significou que eles não exigiam o... Chamavam de *residence requirement*, obrigação de ficar residente lá, de Saint Louis, além do primeiro ano. Então, como no segundo semestre do primeiro ano eu já tinha passado todos os exames, o argumento do Joe Carl foi: “a gente dá os cursos para o cara passar nos exames, mas ele já passou os exames, não precisa de mais cursos”.

H.B. – Essa é a diferença da tradição americana, não é? Menos burocrática nisso.

G.S. – É. Horowitz se opôs, Irving Horowitz. Mas não houve muito problema. Eu saí daí, voltei para o México junto com o Joe Carl, foram dois verões em seguida que eu fui para o México, participar da mesma pesquisa, fazendo trabalho de campo, dirigindo trabalho de campo sobre modernização de valores etc.. Naquele então, teoria de modernização era o que mandava. Qual é aquele então? Mediado da década de 60. E o Joe Carl queria medir isso através de questionário. Então, voltei do México, peguei minhas coisas em Saint Louis e fui para a Califórnia, onde começa uma nova etapa.

H.B. – Você liga com essa primeira? A experiência da Califórnia de alguma maneira avança e amadurece essa que você já tinha? Ou você acha que há um corte?

G.S. – Há algo de um corte.

A.G. – Você continua no doutorado, sendo orientado pelo Carl.

G.S. – É. Só faltava escrever a tese. Então eu fui escrever a tese na Califórnia; mas, ao mesmo tempo, eu tinha que trabalhar. E eu trabalhava em duas coisas: dando aula, dava aula de Sociologia Industrial e de Estratificação Social, essas coisas assim; e trabalhava nas pesquisas com o Lipset; na verdade, *para* o Lipset. Havia muito briga, se era com ou para.

Mas o resto do tempo era meu. E o que eu estava fazendo era escrever a tese. E como Lipset viu nessa tese uma expansão... e era verdadeira. Tinha um artigo que ele tinha escrito, incorporado num livro chamado *O Homem Político*, *Political Man*, ele era muito favorável que eu escrevesse isso lá. E eu me dei academicamente e pessoalmente bem com ele, mas politicamente, não. Politicamente no sentido mais, digamos, de gestão. Porque um outro estudante que estava lá e eu organizamos o livro e pedimos para ele escrever um capítulo, e ele assumiu a autoria totalmente.

H.B. – Do livro.

G.S. – É. Aí eu digo, ó... negativo. Não sai. E disposto a fazer zona. Então não saiu. Califórnia. Foram três a quatro anos lá. Não chegou a quatro. Foi outra... uma experiência diferente, porque eu estava lá, eu era professor, me associava, podia me associar com um monte de professores, lidava com eles; não era mais aluno tomando cursos. De vez em quando, eu assistia [a] alguns, que me interessavam. E a Califórnia tem, mais do que a Washington University, uma grande diversidade de atividades paralelas, e também tem mais, já tinha um componente latino muito forte, latino-americano. Então, essas coisas foram fortalecendo, aí não tinha mais dúvida a respeito do que eu queria. Era isso. Só que aí o Lipset vai para Harvard. E a gente tinha um livro sobre política estudantil, que estava escrevendo juntos. E eu fico na Califórnia. Depois dele chegar em Harvard, ele me convida para ir lá, para passar um tempo, fazendo pesquisa, trabalhando no livro. Foi quando o Tônico foi meu *room mate*. Ele era aluno de MIT, eu era... E aí me convidaram...

H.B. – Que Tônico?

G.S. – Antônio Octávio. Tônico. E aí me convidaram para ficar em Harvard. Eu tenho uma mínima *claim to fame*, que era ter recusado duas vezes convite para Harvard. A primeira foi essa.

A.G. – Você nunca chegou a ensinar lá então.

G.S. – Não. Esse então, eu fazia pesquisas, acho que eu dei um curso de introdução, ou dei em MIT e tinha aluno de Harvard. Não estou me lembrando muito bem, não.

H.B. – Mas não te encantava a ideia de...

G.S. – Não, não foi isso, foi outra coisa. É problema de orgulho, sabe. Orgulho, por quê? Porque vieram, me ofereceram uma posição, e do ponto de vista... Harvard é vista como o *non plus ultra* do mundo. Quer dizer, dos Estados Unidos, *dunque* do mundo. Dá para entender? E os caras disseram... bom, esse é o bugre inteligente que a gente vai...

H.B. – Lapidar.

G.S. – Não. Não só lapidar, mas que a gente vai reconhecer, aceitar como um de nós. Mas... Meia... Aceitar... Mais ou menos. E Harvard tem que ter também gente de esquerda. E eu tinha, eu era. Sei lá. Então, com uma só tacada, você mata dois coelhos, o bugre latino-americano e o esquerdinha. E o salário era baixo. Eu disse: “não quero, não.”. O cara que me ofereceu isso não acreditou, porque era o...

H.B. – O lugar cobiçado, não é?

– Por todos. Mas aí houve mais aquela coisa, que também já tinha batido, com a Marplan, na minha cabeça: se eu aceitar ficar aqui, eu não saio nunca mais. Quer dizer, esses momentos que você tem, assim, de coisas seríssimas, aceitar uma carreira numa universidade que vai te dar tudo, um casamento. É coisa desse tipo. Não são decisões que ocorrem vinte vezes na sua vida. Eu estava ali. Mas eu tinha, em Berkeley, conhecido o Peter Heinz, que era o diretor da Flacso Chile, e que queria sair, pela mesma razão que eu saí anos depois, quer dizer, era tanto trabalho didático de busca de fundos, tanta gestão, que ele não conseguia escrever as coisas dele, sobretudo livro. E ele me propôs que eu fosse para o Chile. Bom. Eu fui dar uma “assuntada”. Vamos ver como é que é isso. Fui lá, vi o Chile, achei o Chile lindo. Só que eu iria para o Chile como um funcionário de Nações Unidas, Unesco, nível P5, com tudo, sem pagar imposto; quer dizer, as condições objetivas eram imensamente melhores do que Harvard, imensamente. Assim, talvez o dobro ou o triplo do que Harvard pagaria. E eu adorei o Chile quando visitei, digo: “meu Deus, que lugar bonito!” Por quê? O Chile e a Califórnia são muito parecidos, quer dizer, é costa Pacífico, aquela coisa, combinação, montanha com *cumbre* elevado, com mar, lago...

H.B. – Cordilheira.

G.S. – Cordilheira. Todo cheio de cordilheira. Eu digo: “é aqui.”. Aí fui de volta para Berkeley, fechei meus assuntos lá e fui para o Chile. Eu passei três anos e meio em Berkeley. E foi durante o período em que havia maior... maiores demonstrações... não foi 1968, mas tinha maiores demonstrações em Berkeley. Quando começou aquele negócio chamado de Free Speech Movement, parque popular, the People’s Park, etc., e

Berkeley começou a ser vista como o lugar de resistência ao que o americano, os Estados Unidos conservador significava... Vietnã, e por aí vai. E foi gostoso ver isso. Foi muito gostoso ver isso.

H.B. – Gláucio, olhando hoje, com a sua estrada já pavimentada, uma reflexão de hoje para

trás, você acha que essa recusa de Harvard, de alguma maneira alterou alguma coisa para sua vida profissional?

G.S. – Tudo. Tudo.

H.B. – Mas, negativamente?

G.S. – Não, não é negativamente. Seria diferente. Eu escolhi entre duas probabilidades de mundo... De vida diferentes. Não dá nunca para saber como é que vai ser a vida, porque o modelo é caótico, acontece um negócio que muda tudo. E aí acontece um negócio que já por definição muda tudo. Se eu tivesse ficado em Harvard e me sentisse bem lá, eu teria ficado lá, não teria voltado ao Brasil e... Enfim. Quem sabe? Talvez fosse um latinoamericano frustrado, como o Germane foi, depois, e ficou frustradíssimo, porque não tinha ninguém com quem conversar a respeito da América Latina.

[FIM DA 1º ENTREVISTA]

2º entrevista: 16/09/2009

Helena Bomeny: Gláucio, primeiro de tudo muito obrigada, a gente já teve um primeiro encontro, foi ótimo, fizemos uma passagem grande pela sua trajetória, têm outros depoimentos seus também no CPDOC e que a gente se valeu muito deles e nós hoje queríamos concentrar a conversa em três pontos que são muito caros a esse projeto, que é um projeto de pensar as ciências sociais na sua relação com países de língua portuguesa, mas antes eu gostaria muito de ouvir sobre a sua opinião sobre a formação de um cientista social hoje. Quer dizer, o que você acha que alterou, se alterou para melhor, que perfil tem hoje essa formação, o que se distingue, enfim, um pouco a sua avaliação do presente, para onde é que você acha que as ciências sociais estão indo, sobretudo nessa formação que é o que a gente está mais voltado para entender?

Gláucio Soares: A história das ciências sociais aqui no Brasil é relativamente curta, comparativamente curta e há movimentos que se podem demonstrar entre eles, a menor concentração em São Paulo, como seria de se esperar, num país que se diversifica; o aparecimento de centros de treinamento de pesquisa em outras áreas e mudanças no que é importante e no que não é. Em comparação com outros países da América Latina, o Brasil segue um padrão que eu encontrei nesses países, que é muito diferente do que

encontrei nos Estados Unidos, Canadá, Espanha, parte, norte da Europa, Austrália, Japão e Nova Zelândia. É um padrão mais preocupado com a grande teoria, menos preocupado com teorias de alcance médio, menos preocupado embora afirmativamente se diga ao contrário, menos preocupado com estudar a realidade brasileira, como mudá-la, mais preocupado com fazer assertivas revolucionárias, mas que não são acompanhadas de descobertas revolucionárias, a respeito de como que o Brasil é. Em verdade, esse continua sendo um grande...

H.B. – Você acha que isso é um contínuo, que isso permaneceu na massa.

G.S. – Permaneceu. E provavelmente vou ser linchado por isso, mas um dos resultados da escola paulista é esse. É uma escola que colocou uma proposta intelectualizada da realidade brasileira e não colocou à disposição de seus alunos os instrumentos de pesquisa, seja *quali*, seja *quanti*. O que é que se faz? A gente se preocupada com o Brasil, pensa o Brasil, depois de 1964 passaram a pensar o Brasil no contexto latino- americano, mas só isso. Pensar o Brasil. Há alguns erros em tentativas... Pueris quase, de analisar dados quantitativos que são erros que, enfim, um estudante avançado de graduação meu dos Estados Unidos ou Inglaterra não faria. Houve uma preocupação com formar centros de formação dentro do país, cuja qualidade em comparação, mais uma vez, com o que há de melhor, em escala mundial, varia entre ruim e péssimo, muito pior e pior. Nós não formamos pesquisadores. Eu fui há pouco tempo, três dias, a uma reunião no Nordeste, chamada CISO, que é o título, C-I-S-O, e evidente, havia muito mais preocupação com ser erudito do que com trazer algum conhecimento diferente a respeito de uma realidade que se o Sudeste e o Sul são desconhecidos, àquela, o Nordeste é totalmente desconhecido. O que fazer? Pergunta leninista. Não sei. O que pode uma pessoa fazer é formar as pessoas que estudam com ela da melhor maneira possível. Eu vejo o Rio de Janeiro como uma grande universidade, mas enfrento, no tentar treinar os meus orientandos, aproveitando tudo aquilo que o Rio de Janeiro tem para oferecer, eu enfrento dificuldades que são os muros que foram levantados pelos departamentos, pelas universidades. São muros invisíveis, não estou falando de muro que nem esse aí não, são muros no sentido de proibir, *quase*, o contato com outras instituições e na veia autoritária do planejamento da pós-graduação de cada um, deixa- se pouco espaço para opção por parte do aluno e espaço zero para a participação de pessoas de outras instituições na própria região metropolitana. Então, por exemplo, para quem eu oriento no sentido de ser um pesquisador em criminologia; há um excelente curso em teoria criminológica oferecido no IFCS pelo Michel Misse, um excelente curso sobre o processamento jurídico, judicial na verdade, dos crimes, oferecido pelo Kant de Lima na UFF. A Celina deu um curso que também interessa em um determinado momento, sobre capital social. Se tivermos necessidade de estatística que não seja apenas a que esse maravilhoso Nelson do Valle Silva ensina no Iuperj, nós temos a [Enci] aqui no Rio de Janeiro e com abertura para colaborar conosco. Nós falamos em métodos qualitativos... Quem vai ao museu tomar cursos de métodos? Ninguém. A alternativa verbal ao método

quantitativo e suas várias definições, estatística etc., tem sido “nós somos qualitativos”, mas não são. Porque não usam métodos qualitativos, não estudam métodos qualitativos. Faça uma análise das revistas de sociologia e ciência política, busque entrevistas semi-estruturadas, histórias de vida, não vai encontrar nada, zero. Uma menção talvez aqui, uma menção talvez lá. Ou seja, nós temos uma pós-graduação baseada na ausência de métodos de pesquisa, claramente eurocêntrica, o que é perigosíssimo. Eurocêntrica como? Os seus conceitos se originaram no século XIX, na Europa Ocidental. Era a Europa colonialista, ainda se fala de civilização e de barbárie, se conhece quase nada a respeito do resto da América Latina e de outros países que fazem parte daquilo que nós chamamos às vezes, e aí há o eurocentrismo também, a de terceiro mundo. Por exemplo, eu estudei onze, doze revistas de ciência política e sociologia e estudei as ementas dos cursos de pós-graduação. Eu não encontrei menção a nenhum país da América Central, a Bolívia, Paraguai, a Venezuela havia uma, suponho que se fosse uma pesquisa mais recente nós encontraríamos mais por causa de Chávez; a Colômbia havia uma vinculada ao narcotráfico, havia uma só, sobre toda África, uma leitura de treze ou quatorze cursos de pós-graduação, todas as matérias oferecidas nesse curso, todas as leituras oferecidas em cada matéria, havia uma sobre a África, que era sobre a África do Sul. Há sim alguns... Uma que outra referência, há um autor ou dois de *origem* africana, mas radicados na França e são antigas. É quando se fala de intercâmbio desigual, por exemplo. Não há uma só, uma, única menção ao chinês.

H.B. – Você acha que isso é uma característica de países periféricos ou isso é um traço brasileiro forte?

G.S. – Ah, não, países latino-americanos. Quando eu pus a Minas o que é ensinado na Europa, na África e os temas em debate, lá está o perigo do eurocentrismo, de pensar a África a partir de olhares europeus e não a partir de olhares africanos ou de dados. Então, essa mesma perspectiva, essas mesmas deficiências eu encontro na Argentina, eu encontro no México, etc. Nós nos desconhecemos. Ninguém lê Germani, pouquíssima gente *leu* Germani e isso trinta, quarenta anos atrás. Mas posso te citar, por exemplo, historiadores argentinos muito bons. [Norberto] Cortes Conde, Túlio [INAUDIVEL], não os encontro. Alguns cientistas

políticos como [INAUDIVEL] Portantiero, que morreu há pouco, [Miguel Murmis], tampouco estão presentes. Nem essa escola de geração de 50 e mais, 60 e mais a qual eu pertença, mas os jovens também não, aqueles de 30, 40, que estão produzindo agora...

Karina Kuschnir – Quer dizer, desculpa te interromper, mas você acha que uma boa prática hoje de formação de um aluno de ciências sociais no Brasil, seria justamente inserir mais, tanto a questão metodológica quanto essa relação com América Latina, América Central?

G.S. – Isso é inserir o país onde ele está. O Brasil não está na Europa Ocidental. Inseriu o Brasil na América Latina; há problemas estruturais que tu encontra no México, no Peru, quando digo estrutural, no sentido não de conjuntura, sobe e desce, cinco pontinhos, etc., mas de coisas estáveis, relativamente estáveis no desígnio de uma economia, de uma política, mas também de padrão de inter-relações, quando uma sobe, a outra sobe, relações entre variáveis. Eu encontro semelhantes, mais semelhantes no México, na Argentina, na Colômbia e no Peru do que na Europa, França, sobretudo França e Alemanha, Inglaterra do século XIX. Nós estudamos, por exemplo, aqui, alguns cursos mencionavam religião. Qual o trabalho mais mencionado? Max Weber. “A ética protestante e o espírito do capitalismo” que creio que é de 1902. Veja, esse é um país com... O maior país espírita do mundo. O maior país católico do mundo. Um país em que cresce neo-pentecostais rapidamente, um dos poucos países com muito sincretismo religioso. E nós vamos ler Weber. Porque nós brasileiros que escrevem, publicam religião e sociedade, há teses, há várias coisas; aqueles que fizeram trabalho de campo. Porque não eles? Há um curso sobre religião e política. Um. Nesse curso há cinco leituras: os cinco são europeus, os cinco são mortos há mais de 80 anos. Ou seja, há descaminhos da sociologia e da ciência política. Os sociólogos cada vez mais, cada vez menos quantitativos, cada vez mais se dizendo qualitativos, mas como uma vez conversei com Gilberto Velho e outra com Roque Laraia, *anedoticamente* qualitativos. Há coisas, por exemplo, que a casa faz, e que a ciência política poderia fazer mais, análise de textos, análise de documentos, análise de conteúdo. Não, não, não, não. Não se faz.

H.B. – Eu estou entendendo que você não está nem recusando, se eu estou entendendo certo, a contribuição ou esforço de produção teórica de centros mais avançados, que tem uma

tradição, maior, mais longa que a nossa, mas da sua apropriação, o que falta é pesquisa, no Brasil?

G.S. – Falta pesquisa e essa influência ela é quase exclusiva. Não é influência, não é... Ninguém vai deixar de ler Habermas, Foucault, Bourdieu. Mas porque só eles? Porque todo curso tem que ter Max Weber, Durkheim? Quando se fala em suicídio no Brasil, há quase que um reflexo: Durkheim. Durkheim é velho no estudo do suicídio, é obsoleto. Não encontrarás em Durkheim menção, por exemplo, a doença mental. Nós temos do ponto de vista psicanalítico “O homem contra si” de Karl Menninger, um excelente arcabouço teórico, nós temos [Dilma], psiquiatra americana, ela própria uma bipolar, uma análise riquíssima do suicídio a partir de doenças mentais; nada disso chegou no Brasil. Nós paramos em Durkheim. Se não me esqueço... É de 1892. Tem mais! Tem mais! Conhecemos essa história do suicídio mal, porque antes de Durkheim tem gente! Tem Degueri na própria França, tem um italiano que me esqueci o nome dele, produziu uns quinze, vinte anos antes, temos o belga Ketele, que de alguma maneira influenciou Max, que o cita em seus trabalhos... Ninguém conhece essas pessoas. Porque conhecem Durkheim? Porque Durkheim dirigiu uma instituição e uma revista então esses são os instrumentos também de poder, de influenciar o próximo e sucessões de pessoas, geração atrás de geração, nós nos acostumamos a trabalhar com um número limitado de autores que foram sendo, um que o outro, substituídos, outros não substituídos, entre os substituídos, por exemplo, no meu tempo, [INAUDIVEL]. Cadê ele? Sumiu, desapareceu. E continuamos lendo com *quase* exclusividade aquilo que anedoticamente chamamos de três porquinhos, Marx, Weber, Durkheim. Mas os brasileiros não se lêem. Quando tu vês a bibliografia recomendada para os estudantes nesses cursos de pós-graduação, tu verás que há uma sobre-representação grosseira dos professores da própria casa. Nós costumamos buscar nossos graduados, entre os nossos próprios graduados, a USP, Departamento de Sociologia, ou é ao redor de 88, 90%, os outros 10% é o resto do mundo, mas não é só a USP.

K.K. – Gláucio, essa pesquisa que você fez sobre os programas de curso, você... Era um projeto que você tinha, foi uma curiosidade, de onde, como é que surgiu...?

G.S. – Olha, uma curiosidade gerou um projeto. Em verdade uma vivência desagradável gerou um projeto que não tem financiamento, eu faço isso enquanto posso, às vezes um aluno participa, acabamos de apresentar um trabalho na reunião da Sociedade Argentina de Ciência Política, mas já concentrado na...

K.K. – É especificamente voltado para o ensino da ciência política.

G.S. – Isso eu uso, através das revistas, ou seja, nós fizemos não só ciência política... Ciência política, sociologia e economia...

K.K. – Você falou muito da ausência da América Latina. Mas tem uma ausência também na sua fala que é Portugal. Nossa comunidade de países de língua portuguesa...

Elas... Como é que você vê esse outro silêncio que também não faz parte dessa Europa mais central...

H.B. – Não faz parte da Europa.

G.S. – Não, não faz. Portugal...

K.K. – E a África Portuguesa.

G.S. -... É pouco. Porque é pouco? Porque conheço mal. Não tenho problema em admitir... A gente quando fica velho começa a admitir ignorância, embora tenha sido sempre ignorante, mas uma das questões que me interessam no mundo... Há várias... Portugal em 2000 e... Descriminalizou as drogas. Qual o efeito disso sobre Portugal? Eu tenho dados até 2004 que mostram o aumento vertiginoso dos suicídios. E isso é esperado. Se Portugal tivesse os problemas de tráfico que o Brasil tem, encontraríamos um descenso nos homicídios. Luta entre traficantes. Em geral há crescimento de problemas de doenças mental porque o consumo de drogas está relacionado realmente... Centenas, talvez milhares de pesquisas demonstrando isso, a relação entre o consumo de drogas, o aparecimento de doenças mentais de maior ou menor intensidade. Não são doenças em alguns casos que impeçam a pessoa de funcionar, por exemplo, na relação entre consumo de maconha, consumo sério de maconha e perda de memória. Pessoas que aos 45 anos tem problemas seriíssimos de memória e que deveriam ter na minha idade. Bom, tentei encontrar bibliografia portuguesa sobre isso. Quase

não há. Há uma escola em Lisboa que faz boa pesquisa em sociologia e ciência política. Ou seja, Portugal sim porque relacionado conosco por razões lingüísticas e históricas, Portugal não porque se faz muito pouco. Há sobre Angola e Moçambique, sobretudo. Te direi mais em algum tempo porque agora terei um estudante angolano, entendes, que vai ser meu orientando, mas posso dizer pouco, próximo a zero, do que se faz em Angola e Moçambique. Porque eu também sou em parte vitimizado por isso. É interessante, veja, voltemos: os autores mais citados, não nessa ordem, não me lembro da ordem, em sociologia e ciência política, colocados juntos nas revistas brasileiras, os cinco mais são todos europeus. Weber, Marx, Durkheim acho que está atrás, Bourdieu, Foucault e creio que Giddens está lá em cima. Alguém me perguntou e com justiça porque os americanos não estão aí se há uma influência muito grande tanto assim que a orientação teórica na ciência política mais comum, a dominante talvez, é a escolha racional. Porque os americanos não têm deuses como os europeus têm. E porque não escrevem livros, escrevem artigos, então nós temos sim muitos artigos publicados... Muitas citações à artigos escritos por americanos, mas os americanos não estão preocupados com escrever livros clássicos. O sistema nos Estados Unidos gratifica não quem escreve um livro, mas sim, quem publica nas revistas mais importantes, então esse é o caminho que é seguido. Isso significa o quê? Vantagens... Sai publicado dois, três anos antes; desvantagem, não é de fôlego, mas quando nós citamos americanos, nós citamos dez americanos sobre um tema. Quando nós citamos europeus, nós citamos um europeu sobre o mesmo tema, mas é o clássico.

K.K. – Gláucio, agora... Você por outro lado, que está podendo fazer essa crítica e essa avaliação cuidadosa e muito interessante sempre, o teu papel como um pesquisador... Você foi formado de alguma maneira, hibridamente, em três, quatro grandes ambientes acadêmicos. Quem foram personagens que te marcaram positivamente, personagens, quer dizer, queria um personagem na verdade, que para você tenha marcado, influenciado a tua visão.

G.S. – Eu já me perguntei isso. Não tem. Eu nunca tive um deus. Nem sequer um anjo.

H.B. – Um professor importante.

G.S. – Professores importantes um pouco aqui, um pouco ali, mas ninguém que...

H.B. – De formação não.

G.S. – De formação não. Eu posso te dizer que, de maneira *muito* indireta, mas muito, muito, muito indireta, o Padre Ávila foi influente. Porque foi influente? Porque deu umas aulas e achei que isso é bacana. Mas nem me lembro que idéia era que me fez achar que era bacana e por isso comecei a estudar sociologia. Eu trabalhei alguns anos com Lipset, talvez tenha sido uma pessoa que me influenciou bastante.

H.B. – De pesquisa.

K.K. – Nos Estados Unidos.

G.S. – Um tipo de pesquisa. Essencialmente foram contatos pessoais com muitas pessoas, leituras, com muitas pessoas e artigos. Posso te dizer em algumas áreas textos e pessoas que incidiram muito sobre mim. Por exemplo, estudos sobre o suicídio, que eu faço, uma psiquiatra americana que se chama [Kate Jason Breadfield], que escreveu alguns livrinhos, um deles que é apaixonante, que se chama “Uma mente inquieta”, depois um seriíssimo, que é “A noite cai rapidamente”, “*Night falls fast*”. Ela sendo bipolar era encarregada da clínica de bipolaridade em Sirley. Bom, os bipolares tem a taxa mais alta de suicídio de todas as doenças mentais conhecidas e são com freqüência não diagnosticados porque como bipolar está numa etapa eufórica trabalhando 12 horas por dia, transando seis vezes, escrevendo três livros, não vai buscar um psiquiatra, vai buscar na fase depressiva. Então, com freqüência bipolaridade é diagnosticado como simples depressão e isso é complicado porque o tratamento é diferente e o momento bipolaridade se tratava com *litium*. Agora tem coisa melhor. Ela tem um outro artigo, um livreto interessante sobre a incidência de suicídio entre escritores, artistas, etc. Esqueci o nome.

H.B. – Eu estou achando interessante porque você tem uma trajetória clara de estudos clássicos seus, da área de partidos, de política mesmo... Depois você entrou no tema da violência, gostaria muito de te ouvir em que momento isso aconteceu e porque e agora você tem uma dimensão da violência, mas que é muito mais internalizada, tem uma gradação cada

vez mais... Psicológica, não sei se diria, mas pelo menos mais centrada no sujeito que vem desde uma preocupação estrutural até a análise de casos onde os indivíduos são profundamente afetados, os problemas da violência são esses e me lembro muito de muitas crônicas suas, inclusive no jornal, falando disso, do que significa isso para o tecido social, essa fragilidade e agora com essa ponta, eu queria te ouvir nessa transição.

G.S. – Olha, eu passei da violência política para violência na sociedade. Quando nós fizemos aquele estudo aqui no CPDOC junto com o Celso e Maria Celina, com participação eventual de outros, uma de minhas principais motivações era estudar a violência política tanto assim que há uma parte que eu continuei estudando que é das pessoas que foram torturadas. Fizemos algumas entrevistas aqui sim, com algumas pessoas que foram torturadas, e eu continuei fazendo. Eu, qualquer um, temos amigos que foram torturados e em alguns casos, as pessoas se recuperaram e são destacadíssimas, e em outros casos, não. Uma das coisas que eu noto e me preocupo, entre as coisas que me preocupam no conteúdo dos cursos de pós-graduação de sociologia e ciência política, é que não há nas ementas, nas bibliografias, uma só menção ao AI-5, tortura, censura, MDB, Arena, cassações e por aí vai. Não existiu regime militar. Para esses professores, o regime militar não existe. Nós não estudamos o regime militar e eu estou pouco a pouco tentando recuperar isso, veja, aquilo que nós fizemos com Celso e Celina e usando algo que aprendi da Celina: nós não fazemos história, nós fazemos memória e eu gostaria de ter tempo de vida e condições para fazer a história, que seria bastante mais analítica, onde eu traria subsídios de ciência política, faria análises, por exemplo, tenho muita vontade de fazer análise dos textos presidenciais, uma análise mais quantificada e também buscando através da co- frequência, co-menção, menção junta, de termos que na leitura parecem separados, mas sempre estão presentes, por exemplo, classe operária e inimigo interno no discurso do Geisel. Nunca dito: a classe operária é uma ameaça à segurança. Mas quando trata de segurança nos discursos em que o faz, trata da classe operária. Entendes? Essas descobertas do aparecimento simultâneo de dois temas em discursos e do desaparecimento também simultâneo dos mesmos temas em outros discursos, é algo que gostaria de estudar. Eu gostaria, como qualquer um, de estudar coisas... Eu teria que viver uns 400 anos e não vai [risos]. Tenho esperanças de que quem saiba apareça aí a pílula do milênio ou algo... Mas não vai acontecer. Enfim, nesse momento eu quero fechar o meu ciclo a respeito de homicídios. Por quê? São 50.000 mortos por ano, 50.000 pessoas que podiam viver, sofrer, amar, etc.,

e não fazem porque sua vida foi cortada. É numericamente muito grande. Nós sabemos quase nada e falamos de homicídio, chutamos que não é brincadeira! Até os acadêmicos chutam muito, é isso, é aquilo, causa do homicídio é isso... Primeiro não existe a causa *do* homicídio, que não existe *o* homicídio. Há muitos tipos de homicídio e cada um com seus determinantes. Homem mata mulher por ciúme em fim de relação, ou já tendo terminado a relação. Aí a vítima é mulher, o local geralmente é doméstico, há uma relação entre íntimos, etc. Traficante mata traficante por controle de ponto de venda e não tem nada a ver com o anterior. A prevenção de um não é a prevenção de outro. Não ligamos para isso. Pior, a nossa tradição que é relativamente... Que é de uma sociologia muito ancorada no marxismo, pretende explicar tudo. Então, querendo explicar homicídio, não pelas variáveis que a gente sabe hoje através de pesquisas que estão associadas com homicídio, mas esticando teorias estruturais da sociologia e da economia para explicar o homicídio. Não funciona! Vai explicar desse jeito porque os homens têm uma taxa de vitimização dez vezes mais alta que as mulheres. Problemas: dados. Nós temos dados melhorando sobre as vítimas, quase zero sobre quem mata. Porque em grande parte a polícia é ineficiente então mesmo que soubessem quem são os sete, oito, doze por cento que foram presos e condenados, eles não são farinha do mesmo saco dos outros que não o foram. E o contexto entre quem mata e quem morre aí é zero mesmo. Tem mais, pior.

Quando tentamos fazer estudo com homicidas, entrevistas, e a minha idéia de fazer primeiro uma história de vida, olho para a antropóloga assim pedindo... Será que eu estou certo? Mas fazer primeiro uma história de vida, examinar essa história de vida, depois fazer uma entrevista semi-estruturada combinando os instrumentos, elementos que vêm da história de vida e os que vêm de estudos de homicídio, numa só entrevista semi-estruturada, licença para fazer isso só me foi, até hoje, negada. Negada no Rio de Janeiro, negada em Brasília.

H.B. – Mas negada por quê?

K.K. – Pelo órgão...?

G.S. – Pelo juiz da vara de execuções penais. Primeiro um delegado manda para outro, outro pra esse terceiro, etc., etc.

H.B. – Mas de entrar em contato com os...?

G.S. – De entrevistar os presos.

K.K. – E Gláucio, voltando...

G.S. – É... a propósito... Evidente que seria anônimo. Evidente que tiraríamos todos os identificadores.

K.K. – É interessante, voltando um pouco àquela questão Portugal e contexto do Brasil que um dos nossos participantes da nossa equipe é o Antonio Firmino da Costa, que é um sociólogo português, esteve fazendo aula inaugural do curso do CPDOC aqui das ciências sociais e falava de uma ciência social portuguesa também muito marcada por um... Inteoricismo, vamos dizer assim, e uma mitificação de dados que não se verificam e falando dessa formação então exclusivamente teórica e muito pouco das... Como é que ele nomeou, Helena? Você me ajuda?

G.S. – Dialogando com Boaventura.

K.K. – Não, não.

G.S. – Não?

H.B. – Não, ele tem até uma... É, bem diferente, é... G.S.

– Não por isso. Dialogando. E no sentido de ter... H.B. –

A formação, lá.

G.S. – Defendendo algo que o Boaventura, que é um pós-moderno, não defende.

K.K. – Ah, sim, sim, nesse sentido sim. Mas... Falando dessa carência de pensar a formação de uma forma mais ampla também das práticas e não apenas na “científico barra acadêmico”. E pela própria forma que você explica suas pesquisas, a gente vê que essa é uma posição sua também. Você nesses circuitos que você já percorreu, que eu acho que talvez seja o nosso entrevistado mais...

G.S. – Viajado. [risos]

K.K. – [Long Troater]. [risos], Você encontrou em algum lugar um curso de formação que você ache ideal? Você encontrou isso acontecendo? Você cita os Estados Unidos como uma coisa diferente do modelo europeu e do nosso, mas certamente você deve identificar problemas também. Se você tivesse que...?

G.S. – Se eu tivesse que compor, que fazer um modelo, ele seria composto. Ele não seria cópia.

K.K. – O que você imagina? É, a gente pediu a análise do presente e agora vamos... Se tivesse na sua mão montar um curso de ciências sociais...

G.S. – Autoritariamente, como se faz, não é... [risos] Eu montaria primeiro com uma preocupação metodológica muito mais séria do que a que existe aqui e isso contrariamente há 30 anos atrás, hoje eu tenho uma séria preocupação qualitativa. Por quê? Por que eu comecei a fazer survey precedidos por entrevistas abertas e isso enriquecia dramaticamente o survey. E não tive a chance de fazê-lo, mas acho que depois de terminado o survey, quando relações são estabelecidas, é um outro momento para voltar e fazer mais entrevistas porque você tem pessoas absolutamente semelhantes com comportamentos dispares, evidentemente, as características, parece que olhamos são iguais, então a que se devem as disparidades do comportamento? Temos que voltar a mergulhar para descobri-las. Eu certamente colocaria uma ênfase maior em métodos. Eu buscaria uma aproximação com aquilo que é um desconhecido total para os brasileiros, não é um desconhecido para mim, o que concerne a América Latina ao contrário, bem conhecido, eu introduziria muitas leituras latino-americanas, eu introduziria um curso de história latino-americana que, aliás, me travei de historiador e dei um curso semelhante no IUPERJ e tentaria... Honestamente, transmitir a idéia de que nós sabemos muito pouco. E que precisamos de instrumentos, os instrumentos existem, porque a transitividade é uma regra que se aplica a tudo, se A é maior que B, que B é maior que C, A é maior que C, sem dúvida, coisas desse tipo, mas no que concerne teoria, aí sim eu cito Weber... Nós estamos condenados a sermos eternamente jovens porque nós tentamos explicar alguma coisa e aí aparecem fatos novos e a realidade já

mudou, tem que começar tudo outra vez. Então, como seria? Uma base metodológica que pode ser nesse momento, obtida na região metropolitana do Rio de Janeiro, em lugares diferentes, não em um lugar só, nenhum lugar supriria isso. ENCI, Museu, Fiocruz, etc., e tentaria ver se eu derrubo esses muros que não protegem, eles aprisionam os alunos mentalmente. Os alunos são obrigados a ler aquilo que seus professores gostam e entre os outros, há professores que foram alunos dos professores mais antigos, de tal maneira que eles vão cimentando paredes, isso vai ficando muito pequeno. Quando uma vez, me lembro que o Celso me deu uma correção, porque para mim essas são instituições quase totais. Não tem muro, o muro não é físico, mas há muros de interação. Há muros de conhecimento. Como não há instituição total, as pessoas podem entrar e sair a vontade, eu decidi chamá-las de quase totais, e há outros aspectos também que essas pessoas namoram dentro desses muros. Essas pessoas falam dentro desses muros. Elas vão juntas ao teatro dentro desses muros. Elas não penetram classes diferentes. Então é isso.

K.K. – Tem um... Interessante. Helena, se você quiser me interromper, me interrompa, tá? Tem um autor contemporâneo hoje que você acha que esteja fazendo essa ciência social que você admira, acredita?

G.S. – Pode ter, mas eu... A minha mente é bem mais segmentada no sentido de que eu mencionei trabalhos muito bonitos a respeito do suicídio e tem vários trabalhos a respeito... Ou seja, eu não acredito em autores essenciais, você está entendendo? Eu acredito em autores que trabalharam bem um tema e que vinte anos, dez anos mais tarde, são outros os atores que trabalharam naquele tema.

H.B. – Claro. Mas... Um programa de pós- graduação que se aproxima mais desse ideal de ter um tema, um objeto bem recortado e uma metodologia de pesquisa que os estudantes possam aprender.

G.S. – Não vejo nenhum. Realmente não vejo nenhum. Veja, o fato que eu tenha criticado os europeus, não significa que eu não critique americanos. Os americanos são burramente egocêntricos. São inteligentes na hora de permitir a entrada de pessoas de outros países, com

isso construir inclusive uma inteligência científica também, mas o olhar americano é muito limitado. Há um australiano que escreveu um livrinho chamado “From or with: another eyes”. A Austrália, vocês sabem que eles dizem lá, “down under”, lá debaixo, isso é a Austrália, “down under”. Então ele está falando, o “another eyes”, que é a perspectiva americana do mundo. E que está se lixando com o mundo! Aquele livro, absolutamente genial, que virou filme, “Ugly American”, é sobre a guerra do Vietnã, que no final chega um cara em shorts, estava jogando golfe ou tênis, e os vietnamitas estão quase que terminando de ganhar a guerra e o cara não sabia nada de nada, isso vale. Isso vale. E formam redes dentro... Rede, essas palavra vai ser a que vai voltar se eu não a esquecer, formam redes inclusive entre aqueles que se dedicam a América Latina. Eles têm uma *endogamia* intelectual, eles casam para dentro, eles se citam uns aos outros, entendes? A nível de especialistas no Brasil, poucos se dedicam ir de lugar a lugar coletando informação. Em geral são boas aves de rapina, no sentido de passar pelo lugar e ver quem está fazendo o que, escrevem, depois escrevem um livro bacana... Eu acho isso legítimo. Dado crédito.

H.B. – Mas eventualmente não dão.

G.S. – Eventualmente não. Alguns são conhecidos por não darem. Se apropriam indevidamente, agora...

K.K. – Desculpa te interromper, mas voltando... Você citou o padre Ávila e citou um livro que virou filme. Quer dizer, pensando mais amplamente, até em obras de arte, romances, em filmes. Essa época de descobertas da sociologia... Você não se recorda de uma obra, nesse sentido amplo de obra, que tenha te marcado, ou dado aquele clique, assim, mudado um pouco a sua...?

G.S. – Não, teve uma que confirmou que foi o “Political Man” do Lipset, mas também eu trabalhei com o cara, porque li o “Political Man”, não li o “Political Man” porque trabalhei com ele. Entendes?

H.B. – Então é uma lembrança ótima.

G.S. – O meu orientador, John Call, que esteve aqui no Brasil, quando eu falei a respeito do tema ele disse: “*I don’t know anything about it*”. Ele disse, bom, e perguntou, quem sabe? Eu disse “olha, Lipset é um deles” e ele disse “Vai para lá”. Então, eu fui trabalhar e terminar de escrever a tese na Universidade de Califórnia [Burklein] e foi o que eu fiz. Aí você descobre os homens como eles são, com suas maravilhas e com suas imperfeições. E eu descobri Lipset, em tanto que pessoa. Lipset certamente foi um francês que lutava contra o sistema e que perdeu, foi [INAUDIVEL], acho um cara “*inteligentíssimo*”, mas ele foi uma vez Diretor do [INAUDIVEL] em Sociologia e me disse: olha, nós temos 43 ou 200 e poucos... Sei lá, não me lembro o número, pesquisadores e quase ninguém aqui para pesquisa, nem que publique e eu não tenho maneira de forçá-los a fazer isso. O drama das nossas Universidades públicas e não só públicas... O que você faz? Esse foi... Uma outra pessoa eu diria, que no estudo da minha... Preocupação com a perspectiva psiquiátrica do suicídio veio da leitura mais recente, isso aí é dos últimos cinco anos dessa [INAUDIVEL] Jameson, e uma leitura mal feita que eu fiz do Karl Menninger me deu muitas idéias a respeito de uma interpretação psico-analítica do suicídio e fazendo com o suicídio aquilo que eu já queria fazer com os homicídios, quer dizer, há tipos diferentes, de trabalhar um pouco. Nunca tive chance de trabalhar sobre o suicídio, estava começando agora. Trabalhar empiricamente, pegar dado, analisar, etc., etc.

K.K. – Então o teu projeto agora, pensando no hoje, como é que você está... Para a gente registrar para a entrevista.

G.S. – O que eu estou fazendo hoje.

K.K. – Isso. Qual instituição que você está vinculado, o que você está fazendo.

G.S. – Eu sou um idiota, que trabalha de graça para o Iuperj e houve várias vezes em que abriu uma vaga, como quem eu queria que entrasse era jovem, etc., eu fiquei de fora, quando não havia nenhum jovem eu disse “olha eu estou afim”, o então diretor do Iuperj, que é meu amigo pessoal disse “você não entra no perfil”, eu disse “você quer dizer que eu sou velho”, ele disse “é, é isso aí”. Sou velho. Eu tinha uns 70 anos então, faz uns cinco anos.

Formar criminólogos que possam fazer essa união *quali quanti* que não se limitem a recitar Foucault é um objetivo da minha vida. Reduzir, veja, eu tenho uma preocupação aplicada muito grande, a minha experiência com o governo do PT e no Distrito Federal, com Cristóvão, de trabalhar em cima do trânsito e reduzir as mortes no trânsito à metade em quatro anos, foi uma experiência que marcou, eu digo, *mamma mia*, a gente pode salvar vida. Aí vejo isso acontecer em São Paulo, vejo isso acontecer em Medellín, vejo isso acontecer em Bogotá, em Calle e em várias cidades colombianas, eu digo “Ahá!”, então essa veia aplicada de “bom mocismo” apareceu. Nós também conseguimos reduzir, e muito, a taxa de afogamentos lá em Brasília. Houve um programa de redução, um programa quase nada de redução de suicídios. Não deu, não se conseguiu nada. É importante que isso eu faça, por quê? Porque são dez mil por ano. E isso é sub-numeração, suicídio provoca estigma no Brasil.

K.K. – Dez mil registrados?

G.S. – Dez mil registrados. Por aí, oito a dez mil.

H.B. – E tem diferença de gênero, idade...?

G.S. – Tem, tem. Bom. Existe um padrão clássico de suicídio, chamado padrão húngaro. O que é o padrão húngaro? Ele tem uma taxa ascendente, mas baixa, por idade. Aí quando chega depois da aposentadoria, ele explode, mas só explode entre os homens. Aumenta bastante entre as mulheres, mas explosão mesmo de passar de 15 por 100 mil para 80 por 100 mil é depois de 65 anos.

H.B. – Ainda vale a interpretação Durkeimniana?

G.S. – Aí eu não sei, porque aí teríamos que perguntar por que as mulheres não.

H.B. – Pois é, o Durkheim usa lá uma justificativa, elas têm uma... Elas se protegem no mundo doméstico mais... Então tem uma...

G.S. – Não sei se isso é... Por exemplo, eu não colocaria nada de anomia, mas colocaria da marcação... Porque na cultura húngara, e não sei o quê da cultura húngara, quando a pessoa se aposenta, ela talvez... Não tenha relevância. Então sabemos de um monte de outros estudos que ter projetos, ter expectativas, ter objetivos, ter esperança, ter sonhos, é muito importante para impedir o suicídio. E... Por que os sonhos lá acabam a uma idade, não é? Os suicídios são muito estacionais, sazonais, eles variam muito, a uma sazonalidade que ela é inversa ao que as pessoas acham. Os suicídios [INAUDIVEL] são mais altos na Primavera e no Verão do que no Inverno, todo mundo achava que era no *Inverno*, aquela coisa!

H.B. – Fechado, triste e tal. E não é.

G.S. – Não.

H.B. – É quando tem a exposição pública.

G.S. – Tem a tese, a hipótese, de um cara chamado [INAUDIVEL]. O que diz o [INAUDIVEL]? Que os caras passam esse tempo todo sonhando com a grande explosão romântica, de fazer isso, de fazer aquilo, o namoro, a transa, o amor, a viagem e não acontece. E aí “*pumba*”. E há poucas amarras, poucos empecilhos.

H.B. – Eu estou achando que você está Durkeimniano.

G.S. – Em parte, sempre fui. Mas uma coisa que eu certamente coloco aí no meio...

H.B. – Com esse padrão de interação por que é isso, quer dizer, o verão e a primavera que te mostram o quanto você está desenraizado, talvez.

G.S. – Há toda uma teoria de crime e de suicídio que é chamada de [INAUDIVEL] e ela é em última análise, ela é Durkeimniana. É uma boa razão para ler, quem está escrevendo [INAUDIVEL], não é uma boa razão para ler e continuar lendo pelos próximos 500 anos, Durkheim.

H.B. – Eu tenho impressão que, se eu entendo a sua mensagem, é menos de não ler Durkheim, mas de não saber o passo que é o de transformar aquela teoria em alguma coisa viva, que é de ensinar a ir...

K.K. – Não ler *só* isso, não é.

G.S. – Essa é a coisa. Ele não lê só isso Durkheim. Por que você tem que quase que uma conduta reflexa; fala em suicídio: Durkheim! Tem muita coisa, tem uns arquivos de sociologia, saem quatro vezes por ano, tem pesquisa em todo o mundo sobre suicídio, vai explicar suicídio das mulheres chinesas. Mais alta do mundo, seguido das Hindus. Aí você descobre que, por exemplo, os infanticídios de mulheres, os abortos de mulheres, cresceram na Índia depois do ultrassom. Isso é assassinato. Por que é mulher, mata. Entendes? Antes não, havia dúvida, não se sabe, só se sabe quando botar aí algo para fora. Mas, agora... E aí então começou a se ver que há muito mais fetos do sexo feminino abortados do que masculinos e isso a linha divisória é uma invenção tecnológica que é o ultrassom.

H.B. – As mulheres lá da Índia, não é, com essa disposição...

[FIM DO DEPOIMENTO]